



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

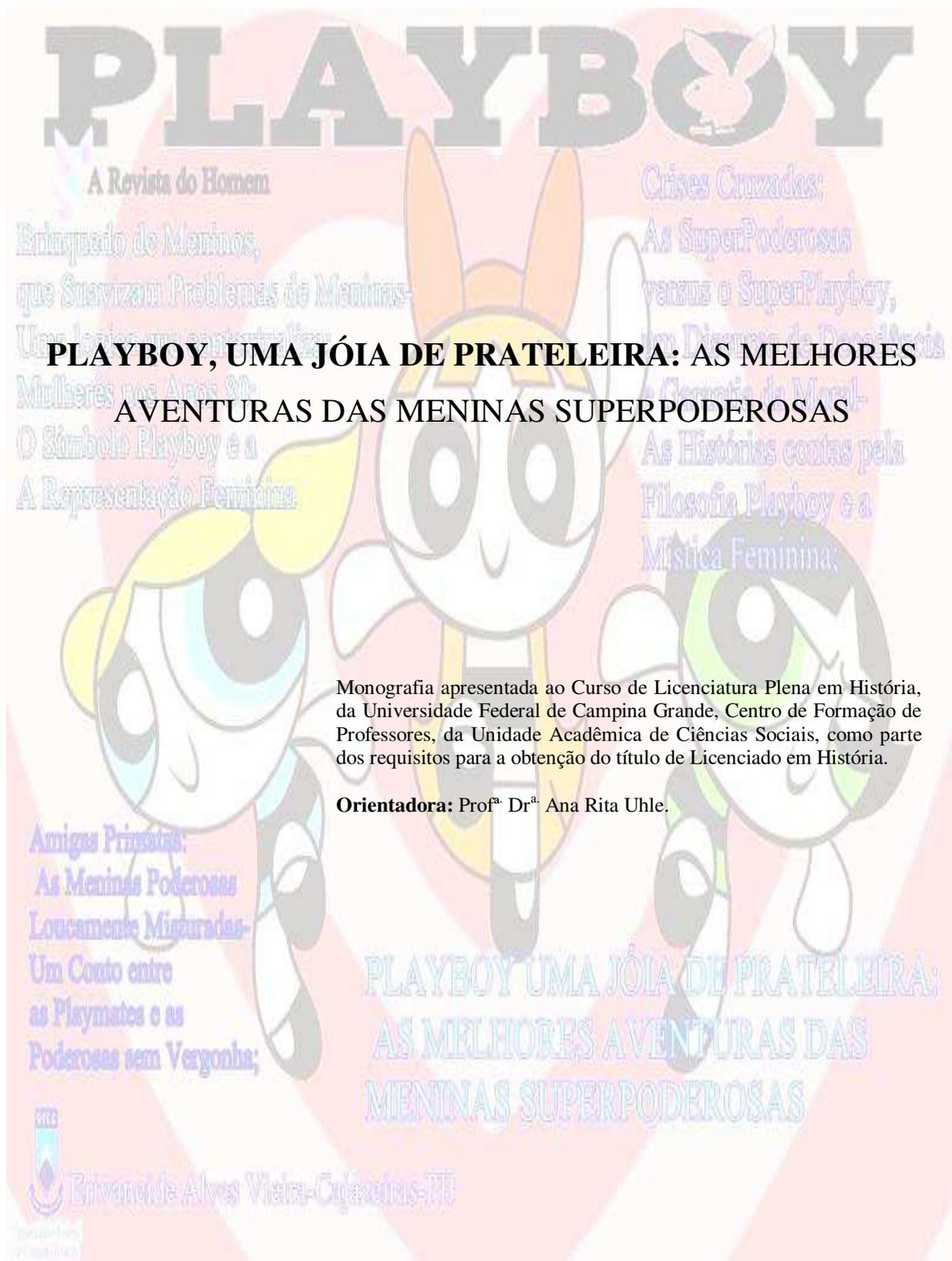
**PLAYBOY, UMA JÓIA DE PRATELEIRA: AS
MELHORES AVENTURAS DAS MENINAS
SUPERPODEROSAS**

ERIVANEIDE ALVES VIEIRA

CAJAZEIRAS-PB

2015

ERIVANEIDE ALVES VIEIRA



PLAYBOY, UMA JÓIA DE PRATELEIRA: AS MELHORES AVENTURAS DAS MENINAS SUPERPODEROSAS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Rita Uhle.

PLAYBOY UMA JÓIA DE PRATELEIRA:
AS MELHORES AVENTURAS DAS
MENINAS SUPERPODEROSAS

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

V658p Vieira, Erivaneide Alves
Playboy, uma jóia de prateleira: as melhores aventuras das
meninas superpoderosas. / Erivaneide Alves Vieira. – Cajazeiras:
UFCG, 2015.
81f. : il.
Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Rita Uhle.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Revista Playboy. 2. Estudos baseados em fontes escritas. 3.
Mulher - Questões de gênero. 4. Sexualidade. 5. Liberdade. I.
Ceballos, Viviane Gomes de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

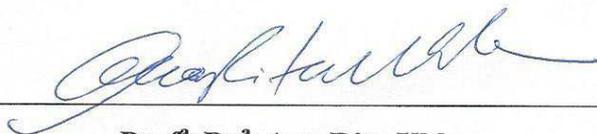
CDU –930.2:347.156

ERIVANEIDE ALVES VIEIRA

**PLAYBOY, UMA JÓIA DE PRATELEIRA: AS
MELHORES AVENTURAS DAS MENINAS
SUPERPODEROSAS**

Aprovado em: 07/12/2015

BANCA EXAMINADORA



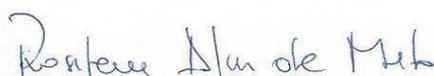
Prof.ª Dr.ª Ana Rita Uhle

(Orientadora)



Prof.ª Dr.ª Rosemere Olímpio de Santana

(Examinadora)



Prof.ª Dr.ª Rosilene Alves de Melo

(Examinadora)

Prof. Ms. Leonardo Bruno de Farias

(Examinador Suplente)

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

Ela é um poço de qualidade e defeito
E cada jeito dela é uma emoção
Toda mulher causa um efeito
Que esconde que seu corpo perfeito
É só um convite pro que ela tem no coração.

Mulheres são o que são
E não o que nós queremos que elas sejam
Por isso, mulheres são a razão e a fração
Do mundo que os homens mais desejam.

(**Mulher** - Projota, 2013)

AGRADECIMENTOS

Como principal mentor e criador da minha existência, louvo e agradeço, em solene verdade, ao Ser supremo, Senhor e Deus da minha vida.

Diante deste tão esperado momento, proponho a imaginar como seria minha vida ao longo desses anos sem a compreensão e a força dada por meus pais, Maria Alves Vieira e Sebastião Vieira de Sousa, agradeço-os por tudo que foi feito, e que ainda venha a ser, na construção da minha identidade e caráter.

Aos meus irmãos, Erivanda Vieira Alves e Evandy Alves Vieira, pelo apoio moral, incentivo e ajuda ao longo desta caminhada de formação. Também não posso esquecer-me de agradecer ao meu cunhado Damião Bezerra Coura pelo auxílio de algumas revistas e pela produção das lembrancinhas que simbolizam e marcam o tema deste trabalho.

Destaco com profundo respeito, consideração e admiração, os mais calorosos agradecimentos para minha orientadora Viviane Gomes de Ceballos, pela atenção, disponibilidade e a confiança depositada em mim, a qual foi fundamental para a realização e conclusão do nosso trabalho. Muito obrigada!

Agradeço igualmente à professora Ana Rita Uhle, que na necessária ausência da minha orientadora, se prontificou a assumir a presidência da banca de avaliação.

Sobre um início de perturbações, incertezas, expectativas, de ideias e indagações sobre o tema, contei com o privilégio de encontrar pessoas que contribuíram significativamente com a produção desta pesquisa: primeiramente agradeço a Leonardo Faria, por despertar em mim a curiosidade sobre uma fonte documental diferenciada; aos professores Rovilson José Bueno pela grandiosa ajuda em encontrar as revistas necessárias para realização desta análise; Ana Rita Uhle, Rosemere Olímpio de Santana, Isamarc Lôbo, pela ajuda com indicações de algumas fontes, documentos, sites e opções de pesquisas.

Os mais fraternos agradecimentos aos meus amigos, que foram e são de extrema importância na minha vida, e que sempre se mantiveram ao meu lado entre os momentos de tropeços e alegrias da minha jornada pessoal e de conclusão do curso: Cilmara Pessoa do Nascimento (Cil), Edna Claudia Ferreira (Edinha), Akalyany Abrantes (Nega), Sabrina Pereira (Thonguesa), Francisco Benedito (Benedi), Paloma

Alves Jorge (Palominha), Andressa Silva (Andy), Germano Pereira, Jocasta Diniz (Jo), Maria do Rosário (Gabi), Cléia Tamaris, Jorge Belém, Moises Rosendo, Claudia, Ivonete e Leydaiane Gomes. Algumas colegas encontradas pelo meio do caminho: Damiana Abreu, Danuzia Supriano, Monica Raquel, Geanne Gonçalves e Jussara Germano.

Agradecimentos especiais: Maria da Conceição (Dona Maria), pela recepção, carinho e por ter aberto as portas da sua casa para mim ao longo deste curso. Germano Pereira, por ter me ajudado a encontrar algumas revistas Playboy necessárias para esta pesquisa. Sayume Nelma, pelas orações, apoio e incentivos de força e fé, para não desistir da realização e conquista de conclusão deste sonho.

Por fim, quero agradecer a todo o corpo docente e aos funcionários da Universidade Federal de Campina Grande (*campus* de Cajazeiras), pelas instruções e o auxílio de mais uma concretização na minha vida.

Agradeço solenemente a todos de coração!!!

“Porque mais uma vez o dia foi salvo graças às meninas superpoderosas!!!!”

RESUMO

Este trabalho analisa a trajetória de construção da imagem da mulher e o processo de liberdade sexual a partir da retratação da revista Playboy. Esclarecendo que, o que aponto como liberdade sexual não está apenas restrita ao ato, mas sim à ideia de mudança do pensamento, de mostrar os sentimentos e não se prender a padrões impostos e ditos como certos (corretos) e morais pela sociedade. Identificando a conduta dos papéis dos gêneros perante as diversas moldagens, tecidas nas margens do meio sociocultural moderno. Objetivo discutir a representação identitária feminina nas imagens e textos publicados na revista Playboy durante a década de 80, mais especificamente nos anos 79, 84, 88 e 89. Analisando o ser mulher para além da exposição da nudez e da soberba do machismo. Abordando a postura feminista e do entretenimento da Playboy.

Palavras-chave: Playboy. Sexualidade. Liberdade. Mulher.

LISTAS DE IMAGENS

Figura 01: Ensaio de Tanya Roberts, Playboy, Brasil, Janeiro de 1984, nº 104.	55
Figura 02: Ensaio de Tanya Roberts, Playboy, Brasil, Janeiro de 1984, nº 104.	55
Figura 03: Ensaio de Tanya Roberts, Playboy, Brasil, Janeiro de 1984, nº 104.....	55
Figura 04: Ensaio de Maria Claudia. Playboy Brasil, Janeiro de 1984, nº102	57
Figura 05: Ensaio de Maria Claudia. Playboy Brasil, Janeiro de 1984, nº102	57
Figura 06: Ensaio de Lucinha Lins. Playboy Brasil, Agosto de 1984.....	59
Figura 07: Ensaio de Reny de Oliveira. Playboy Brasil, Janeiro de 1984.....	59
Figura 08: Ensaio de Lúcia Bizocchi. Playboy Brasil, Maio de 1984	59
Figura 09: Ensaio de Lúcia Veríssimo, Playboy Brasil, Abril de 1988.....	61
Figura 10: Ensaio de Sueli dos Santos, Playboy Brasil, Julho de 1988	61
Figura 11: Ensaio de Françoise Forton. Playboy Brasil, Agosto de 1989	61
Figura 12: Ensaio de Márcia Rodrigues. Playboy Brasil, Outubro de 1989.....	62
Figura 13: Ensaio de Erika Eleniak. Playboy Brasil, Outubro de 1989	62
Figura 14: Ensaio de Tássia Camargo. Playboy Brasil, Dezembro de 1989	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - PLAYBOY: BRINQUEDOS DE MENINOS QUE SUAVIZAM PROBLEMAS DE MENINAS.....	15
CAPÍTULO II - AMIGAS PRIMATAS: AS MENINAS PODEROSAS LOUCAMENTE MISTURADAS.....	41
CAPÍTULO III - CRISES CRUZADAS: AS PODEROSAS VERSUS O SUPER PLAYBOY.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo entender o processo de liberdade sexual e a construção da imagem feminina, já que, até meados da década de 30, as mulheres viviam sobre as rédeas da submissão ao masculino e da imposição do conservadorismo puritano. Para tanto, sabemos que a liberação sexual feminina foi conquistada por intervenção dos movimentos feministas, uma crescente exposição informativa da mídia, e pelas possíveis implantações do consenso democrático.

Estes aspectos foram elementos fundamentais para a moldagem e abertura de novas conquistas e normas de comportamento, atribuindo a essas mulheres o espaço e o direito de exposição no meio público-social, agindo e construindo sua conduta identitária sobre suas próprias vontades.

Quando criança me colocava a questionar o porquê de as meninas serem tratadas de forma diferente dos meninos, pois sempre ouvia meu pai falar: “ele pode fazer o que quiser, porque é homem. Você não pode, é mulher, tem que obedecer e ficar em casa”.

Sob uma curiosidade perturbante e um desejo avassalador, coloquei-me a buscar respostas que suprissem minhas dúvidas. Desta forma, objetivo discutir a representação da imagem feminina a partir das imagens e textos publicados na revista Playboy durante a década de 1980. Ressaltando que minha pesquisa inicia-se na década de 80, devido à dificuldade em encontrar as primeiras edições do ano de 1975 (ano da primeira edição da Playboy no Brasil). Tal escolha foi atrevimento ou ousadia? Pois estamos analisando uma via de entretenimento integralmente dedicada ao público masculino; ou será que posso tomar a liberdade de considerá-la uma pacificadora da liberdade sexual feminina?

Um dos meios de comunicação que informa, diverte e orienta adquiriu um papel de destaque nestas novas composições da sociedade. A Playboy expõe muito mais do que imaginamos. Os conteúdos não retratam apenas o erotismo e fotografias de mulheres nuas. Sua composição comporta um viés informativo, literário e cultural de opiniões, ideias, críticas, jornalismo, cinema, moda, culinária, literatura e política. Esta variada gama informativa possibilitou analisar como e quais contextos encontravam-se dirigidos para a mulher, refletindo também a finalidade destes conteúdos publicados pelas edições e como eram apresentados perante o meio público e social na década de 80. Entendendo ainda se existe um viés de pensamento machista nos temas tratados

pela revista. Como estava sendo representada a imagem feminina nessa época de “liberdade sexual”? Dirigida ao público masculino, será que a revista também alcançou as mulheres? De que maneira a revista ajudava essas mulheres dentro destes assuntos do universo e interesse masculino?

Sabendo que a revista foi fundada em 1953 pelo norte-americano Hugh Hefner e que sua primeira publicação nos Estados Unidos repercutiu uma calorosa polêmica, no Brasil a mesma só chega por volta de 1975, permanecendo até os dias atuais. Desta forma, os direcionamentos da revista proporcionam a possibilidade de realizar um diálogo com a análise histórica, sobre o discurso e as representações dos anos 80 e dos dias atuais, relacionando a postura e a posição de construção identitária dos gêneros, ou seja, elencando quais características marcam a imagem feminina. Assim, é preciso realizar um apontamento de referência sociocultural, ou seja, as modificações ocorridas em relação às posturas femininas e masculinas no decorrer deste período.

Desta forma, a base teórica do trabalho consistiu nas pesquisas sobre a construção de identidade feminina através da análise de Vieira (2005) que chama atenção para as práticas discursivas da nova ordem econômica, mudanças políticas, culturais e os paradigmas enfrentados pelos gêneros, principalmente o do sexo feminino perante o processo de transformações nas camadas sociais. Possibilitando compreender a identidade feminina a partir de suas particularidades, emoções, perdas e ganhos como comportamento e valores éticos. Sobre o discurso da análise fotográfica utilizaremos os fundamentos de Roland Barthes a partir do livro “Câmara Clara (1984)”, na qual ele tem como propósito interpretar os signos, os elementos artísticos, a postura e a pose, entendendo-as como a representação da identidade dos sujeitos, ou seja, a fotografia é a arte da pessoa, do seu caráter civil, o sentido e expressão do seu corpo.

Como referência teórica de representação da mulher na Playboy, empregaremos os propósitos de Saggese (2013) que aborda a atuação fotográfica, a constituição do imaginário, o objeto de erotização do corpo, o papel e o perfil feminino tanto nas páginas da Playboy quanto na sociedade. Para tanto, estas fontes contêm as bases centrais para estruturação da pesquisa, porém estes mesmos trabalhos, não são os únicos a contribuir e fornecerem informações precisas para esta análise, pois contamos com outros livros, artigos, teses, dissertações e sites pertinentes para o propósito pesquisado. Quanto à metodologia optei por analisar as falas presente nas cartas dos leitores, assim

como as páginas de assessoria. A análise fotográfica a principal base da pesquisa, justamente com todo porte teórico de problematização e construção desse trabalho.

Diante disto, a pesquisa realizada estrutura-se em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado **“PLAYBOY: brinquedos de meninos que suavizam problemas de meninas”** apresenta uma discussão sobre a repercussão dos conteúdos tratados pela revista Playboy, principalmente em relação à mulher e o meio social da década de 80 a partir da sessão de “cartas do leitor” (ou “caro playboy”) e da página de “assessoria”. Além disso, aborda a construção identitária do feminino e masculino, sobre o crescimento das camadas público-sociais, especificando novos modelos de ideologias, culturas, relações e perfis, adquiridos através da expansão global.

O segundo capítulo, intitulado **“AMIGAS PRIMATAS: as meninas poderosas loucamente misturadas”** analisa o processo de construção do feminino a partir do acesso às fotografias que aparecem na revista, levando em consideração as novas “roupagens” e comportamentos abordados nos exemplares sobre sexo e nudez da mulher. Neste capítulo também é apresentado e discutido como parte da sociedade se coloca perante a exposição da nudez, e quais estereótipos comovem a apresentação do nu destes indivíduos.

Já o terceiro capítulo, intitulado **“CRISES CRUZADAS: As Poderosas *versus* o Super Playboy”** aborda a façanha da inclusão dos papéis femininos sobre a decadência e a moralidade, ou seja, as perspectivas entre o discurso da revista Playboy *versus* o discurso feminista presente nas referências e fontes documentais que ajudaram na construção desta pesquisa. Elencando ainda as referências e importâncias das posturas identitárias atribuídas pelo estudo de gênero, da representação e da definição do “ser mulher” entre os papéis sociais e a inquestionável soberba machista.

Portanto, a pesquisa objetiva retratar a construção da imagem feminina para além da repressão machista, submissão do conservadorismo, e da domesticação social. Entendo que as significações e a constituição da autoimagem feminal se definem pela sua autoridade de construção identitária, ou seja, ao direito de expor e expressar seus desejos e vontades, identificando o seu espaço e liberdade perante diversas moldagens forjadas nas margens do meio sociocultural moderno.

CAPÍTULO I

PLAYBOY: BRINQUEDOS DE MENINOS QUE SUA VIZAM PROBLEMAS DE MENINAS

*Alguns caras ficam com uma garota linda
E a escondem do resto do mundo
Eu quero ser aquela para caminhar no sol [...]
Quando o dia de trabalho termina
As garotas - elas querem se divertir
Oh, as garotas querem só se divertir*

*(Cyndi Lauper, “Girls Just Wanna Have Fun”,
1983)*

Ironicamente, a emancipação feminina conseguiu ganhar força e espaço perante uma inconstante/indefinida identidade social dos anos 80¹. Este processo direcionou a uma necessidade de debater e dialogar sobre os consensos culturais, sociais e político-históricos, firmados e reafirmados durante o decorrer desta década. Todavia, os limites da relação entre o conservadorismo e a liberdade configuram o estudo dos gêneros sobre a intervenção da sexualidade humana, possibilitando entender as múltiplas práticas apresentadas ao longo dessa formação histórica.

Em tese, avaliamos a sexualidade como um dos pilares de sustentação histórica, principalmente na composição do “cenário” da feminilidade. Para alguns dados de estudos, os ideais sexuais emergiram dialogicamente com os grupos sociais reorganizando os papéis ocupados pelos indivíduos, proporcionando uma representação figurativa da liberdade sexual desta época. Segundo algumas fontes de pesquisa (principalmente sites), os anos 80 eram conhecidos como a “década perdida”, passando

¹ Na década de 1980 vivemos um período pós-ditadura militar, prevalecendo também uma falta de perspectiva para o Brasil proporcionado pela crise econômica que afetou o país. Devido, principalmente, ao péssimo crescimento da economia brasileira tal década ficou conhecida como “década perdida”. Os anos 80 também foram os anos dos movimentos sociais, em especial aqueles que reivindicavam a redemocratização que contavam com a participação feminina e também das feministas. Sobre o contexto econômico da “década perdida” ver: **AGUIAR**, Marco Alexandre de. As décadas de 80 e 90: transição democrática e predomínio neoliberal. Revista Contemporâneos, nº 7, Nov-Abril 2011. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n7/artigos/marco-alexandre-as-decadas-de-80-e-90.PDF>. Sobre o feminino na década de 1980 ver: **ZIRBEL**, Ilze. Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate. UFSC; Florianópolis, 2007.

a constituir padrões e modelos femininos bem modernos, enchendo as camadas públicas de mulheres “elegantes”, *sexy* e “detentoras” de poder, marcando a massificação e transformação da autoridade moral do domínio entre as identidades dos sexos.

Desta forma, objetivo considerar a participação e contribuição da revista Playboy, perante a gama informativa proposta pelo entretenimento erótico e exposição (exibição) fotográfica de mulheres nuas, direcionados principalmente para o público alvo masculino, porém acreditando na possibilidade de estas informações, argumentos e assuntos também estarem sendo dirigidos para a mulher, certificando que estes aspectos contribuiriam para as novas roupagens femininas, principalmente na finalidade de repercussão participativa pública e social.

Esta concepção nos consente a testar uma determinada exposição pública e social vinculada a uma publicidade transgredida pelos meios de comunicação que revelava um revestimento fortemente feminal, denominado a construção de novas classes identitárias para homens e mulheres, segundo os critérios de Josênia Antunes (2005). Inseridos nesta demanda comunicativa encontravam-se as grandes diretrizes musicais desta época: o *pop rock* e o crescente sucesso da *dance music* eletrônica, que possivelmente influenciavam e rotulavam novas “ideologias” para os papéis sexuais e posições sociais, e revelavam, principalmente, um novo modelo comportamental feminino, referenciando a supremacia da conquista pelas mulheres. O cantor norte americano Ray Parker Jr. lança em 1981 a música “A Woman Needs Love²” (Uma

² A WOMAN NEEDS LOVE: (just like you do, hoo)/Don't kid yourself into thinkin' that she don't/She can fool/around (just like you do, hoo)/Unless you give her all the (lovin' she wants)/Don't make the mistake /Of thinkin' old fashioned (ooh, ooh)/Times have changed from yesterday/No longer will/Those old double standards (ooh, ooh)/Be accepted by the women of today/So when you think you're foolin' her/She just might be foolin' you/Remember, if you can do it/She can too/Because a woman needs a love /(Just like you do, hoo)/Hey, don't kid yourself into /(Thinking that she don't)/She can fool around /(Just like you do, hoo)/Unless you give her all the (lovin' she wants)/When her eyes are beggin' for affection (ooh, ooh)/Don't put her off, don't make her wait/Don't try to give her/That worn out excuse (ooh, ooh)/About being tired and workin' late/I tell you one day you'll come home/Early from work (home from work)/Open up the door/And get your feelings hurt/Because she needs it, yeah /(Just like you do, hoo)/A woman's got to have it /Whoa, yeah (just like you)/And if you're smart, mmm /(Just like you do, hoo) /You better stop foolin' around, hey, hey/'Cos she will too/Ooooh/(Just like you do, hoo)/(Thinkin' that she don't, hoo-oooh)/(Just like you do, hoo)/Now an example to you/Is by the time poor Jack /Returned up the hill/Somebody else had been lovin' Jill/A woman needs love /(Just like you do, hoo) hey/Don't kid yourself into thinkin' that she don't/She can fool around, yeah /(Just like you do, hoo)/She will be foolin' around/Soooo, you better take out some insurance/And be sure she won't Give her that love, mmmm, yeah/(Just like you do, hoo)/That sweet, sweet love/She wants it/(Just like you)/Cos she can fool around /(Just like you do, hoo) /She will fool around/With you or without you /Just like you do/A woman needs love (just like you do, hoo)/Hey, don't kid yourself into thinkin' /That she don't/She can fool around (just like you, hoo)/A woman needs it just like you. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ray-parker-jr/a-woman-needs-to-love.html>>.

Mulher Precisa de Amor), evidenciando a preocupação masculina e a satisfação liberal feminina, demonstrando que ambos os gêneros precisam de forma conjunta de amor, e que tanto homem quanto a mulher possuem os mesmos “direitos”, a igualdade de espaço público-sociais, e a mesma liberdade comportamental.

Segundo a letra musical de Ray Parker Jr. (1981):

Uma mulher precisa de amor, assim como você/ Não se engane pensando que ela não precisa/ Ela pode aprontar assim como você/A não ser que você dê a ela todo amor que ela precisa/ Não cometa o erro de pensar a moda antiga/Os tempos mudaram desde ontem/Mas não mais, aqueles velhos rótulos/Serão aceitos pela mulher de hoje.

Esta ideologia musical nos permite entender a identidade feminina construída, fora da dependência e submissão ao masculino, ou seja, a releitura do ser mulher, na qual “Ela pode aprontar (sim, assim como você), ela vai aprontar/É melhor você se cuidar e ter certeza que ela não vai”. Um consenso atrelado ao respeito e a confiança entre os sexos, desconsiderando a conservação dos velhos padrões de comportamentos, de mulher rainha do lar, objeto de pose e servidão, pois elas precisam de amor, “Aquele doce, doce amor, ela quer assim como você”.

Para tanto, Cyndi Lauper e Ray Parker Jr., realçam a veemência feminina através dos seus enredos musicais, diversão, liberdade, romantismo e direito de ser amada igualmente “sem desculpas esfarrapas, de que está cansado e trabalhou até tarde/ para não ferir seus sentimentos”, se ela for embora. Eminentemente, estas referências portavam um novo sentido para as identidades dos gêneros, ou seja, a (re)construção dos paradigmas político-sócio-culturais dos indivíduos perante as alterações e reflexões implantadas pela massificação global do mundo contemporâneo.

Para tanto, a influência de uma nova ordem global, econômica e capitalista transformaram a estabilidade dos mercados, propagando constantes mudanças nas vias políticas, culturais e tecnológicas, possibilitando ao sujeito moldar sua postura em relação ao meio social. Nestes termos, estudos contemporâneos nos induzem a alcançar uma multiplicidade em identidades sobre gêneros. Ao que parece, as vivências pós-modernas ainda atribuem comportamentos, posturas, educações e condições diferentes para homens e mulheres perante o meio público e privado, condicionando uma construção e posição cultural para os gêneros intermediado sobre seu aspecto sexual, ou

seja, as identidades atribuídas aos sexos classificam as respectivas denominações conquistadas pelos indivíduos.

O crescimento global e pós-moderno ocasionou alterações culturais e sociais perante a conduta identitária dos indivíduos, evidenciando de forma mais clara as diferenças existentes entre as posturas femininas e masculinas. Este descompasso desvelou aos sujeitos novas propostas e estímulos para o determinismo do seu posicionamento social, entre outras palavras, atualmente notamos que ambos os indivíduos absorvem experiências, ordem, discursos e vivências culturais particulares que refletem a construção subjetiva de suas condutas sociais.

Evidentemente, o sentido significativo deste consenso subjetivo é entendido e encontrado na “liberdade de escolha” que temos perante as opções implantadas no meio público, ou seja, esses modos globais e modernos nos condicionam a optar entre as pluralidades dos estilos de moda (roupas, cabelos, acessórios e maquiagens), gostos musicais, comportamentos, preferências esportivas, trabalhistas e etc. Assim, considero estas implantações pós-modernas, podem ser consideradas as principais propulsora da “liberdade democrática” cultural, já que atualmente cada indivíduo tem o desígnio de determinar o seu perfil de identidade.

Neste sentido, as mudanças sucedidas e os discursos sobre a construção das identidades contemporâneas absorvem fragmentações procedentes da composição dos percursos históricos de cada sujeito, essa construção singular constitui-se de crenças, valores e juízos, inferindo constantes mudanças nas construções históricas. Tais indícios nos possibilitam elencar discursos, transformações e desarticulações, estabelecidas na constituição da identidade masculina e principalmente da feminina, relativizando valores e espaços conquistados por elas perante as críticas e dinamismo cultural e social desses gêneros.

Todavia, a história das mulheres parece estabelecer uma perspectiva de analisar as desigualdades constantes entre os “sexos”, porém as mesmas possibilitam problematizar experiências socioculturais diferentes. Neste sentido, sabemos que o papel ocupado pela mulher transgrediu sobre os padrões das camadas sociais, ocasionando transformações e moldagens nos ideais e discursos femininos perante a sua conduta identitária. Logicamente, podemos considerar que o trabalho e a vida social passaram a complementar a auto representação feminina, antes explícita apenas pela

representação familiar. A partir de então, objetivo retratar como essas mulheres conquistaram a “liberdade”, e buscaram a garantia dos direitos igualitários entre os sexos colocando em questão e “exigiam” se inserir no espaço cultural e social até então ocupados pela figura masculina.

Por intervenção de algumas pesquisas, observamos que este período pós-moderno ainda “conserva” uma padronização sexual gerida pelas rédeas do conservadorismo do Velho Mundo, no qual homens e mulheres são “educados” por identidade de padrões sexuais diferentes. Apesar de reconhecer o propósito de liberdade pública e vinculação das mulheres no mercado de trabalho, a sociedade ainda exalta a superioridade masculina, na qual a crítica machista idealiza um manual de conduta feminal, orientando as relações dos gêneros. Mulheres, predestinadas e vistas como objetos a serem “lapidados” e moldados para obedecerem aos critérios empregados pela Igreja e pelas normas familiares, condicionadas a não seguir comportamentos e condutas do meio público, inclusas apenas no âmbito do privado.

Porém, consideramos que a eclosão global possibilitou a crescente transformação do espaço social e dos indivíduos, informações e novos ideais sobre as condutas masculinas e femininas. Consequentemente, o século XX marcaria sobre passos mais largos o modernismo sexual. Analisando as necessidades de inovações e o crescente avanço tecnológico, idealizamos que jornais, revistas e livros, direcionados quase que especificamente ao público masculino, começavam a concentrar espaço para os conceitos eróticos, os quais presumiam uma representação através de textos, desenhos, pinturas e fotografias. À exemplo destes meios, a Playboy gerenciaria forte afeição de entretenimento e diversão para as camadas sociais.

Eminentemente, as predominâncias da Igreja e o conservadorismo familiar ponderaram tais materiais impróprios/proibidos para a conduta e moral social dos indivíduos. Deliberadamente podemos conceituar que a incorporação destas produções acabou despertando o interesse e curiosidade de homens e mulheres em obter informações e participar de meio moderno, que fugia da ordem e da ética conservadora. Este discurso não trata apenas de incorporar as mulheres nas narrativas historiográficas, mas em elencar a multiplicidade do gênero feminino perante a construção de uma nova “identidade” e opiniões pressentidas pela vontade de liberdade, a busca pela apropriação individual dos meios público-políticos da sociedade.

Independência, trabalho, e liberdade, atualmente são elementos essencialmente indispensáveis na vida das mulheres modernas. Lutas, revoluções e movimentos vinculados às leis e mudanças, atribuem às mulheres o direito de compor os meios públicos, e, embora conquistado seu espaço nas vias sociais, as mesmas ainda encaram constantemente opiniões/críticas machistas, exaltando a superioridade masculina e a submissão feminina.

Se ponderarmos o estudo dos gêneros, notamos que homens e mulheres atuaram e atuam na composição linear historiográfica por intermédio de transformações e diálogos que permitem desnaturalizar a construção identitária dos sexos, essa diversificação afirma a existência segmentar existente entre os gêneros perante a constituição histórica cultural. Assim constatamos que as narrativas inferiorizam a participação feminina para enaltecer a supremacia masculina.

Deste modo, segundo alguns discursos históricos, o processo de liberdade feminina só se estabiliza após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com os homens na guerra, as mulheres necessitariam trabalhar fora de casa para adquirir parte do sustento da família. Assim, após o fim dos conflitos, os maridos retornariam para casa, estabelecendo o retorno das esposas para seu trono de rainha do lar, contudo, não seria tarefa fácil convencê-las a retomar a vida de submissão. Para tanto, já existiam uma gama de movimentos revolucionários em defesa dos direitos femininos, porém não podemos garantir que todas as mulheres, obtiveram seus direitos assegurados.

Mas são as décadas de 60 e 70 que marcam uma maior diversidade de transformação perante os costumes, evidenciando mudanças e consequências nas classes sociais, políticas e culturais, refletidas até hoje na sociedade. Tal processo marca a opressão sofrida pelas mulheres durante o regime militar, que ainda governava o Brasil com “mãos de ferro” na década de 70. Desta forma, iniciava-se um palco de contestações, protestos e movimentos revolucionários no mundo, incentivando uma forte participação dos movimentos feministas na busca por direitos e uma maior participação nos meios sociais.

Cynthia A. Sarti (1998) expõe que a revolução dos costumes espalha-se por diversos países devido a importante participação dos meios informativos, nos quais está presente a televisão, o rádio, o jornal e as revistas, necessariamente exercendo uma grande influência informativa. Sobre esta mesma linha, evidenciamos a década de 70

como o marco da liberdade feminina e da disponibilidade da pílula anticoncepcional. Considerando que a posição feminina, conseqüentemente, avançaria na emancipação econômica e sexual, ações primordiais para o rompimento das amarras conservadoras da população em “geral”.

Parece haver um consenso em torno da existência de duas tendências principais dentro da corrente feminista do movimento de mulheres nos anos 70. A primeira, mais voltada para a atuação pública das mulheres, investindo em sua organização política, concentrando-se principalmente nas questões relativas ao trabalho, ao direito e à redistribuição de poder entre os sexos. (SARTI. 1998, p.07).

Sobre este mesmo viés, Ana Alice Alcântara Costa (2010), aborda que estes movimentos defendiam uma nova construção para a vida pessoal, social e política da classe feminina, um ideal que viabiliza romper com os costumes tradicionais do passado, acendendo espaço para uma sexualidade fora dos padrões da vida privada. A mulher começava a firmar novas condutas para o âmbito público, novas práticas e conceitos, novas dinâmicas, um caráter subversivo que qualificava o seu lado "revolucionário", um movimento social que não apenas renasce, mas que cria estratégias de luta e de mudanças nos sentidos de gêneros ocupados por homens e mulheres.

Diferentemente do feminismo anterior, que utilizava como argumento para suas demandas a possibilidade de um melhor exercício — mais competente — das atividades tradicionais atribuídas às mulheres, reforçando assim estereótipos, preconceitos e modelos excludentes, esse novo feminismo vai também questionar a divisão sexual do trabalho e com ela as atribuições do masculino e feminismo, bem como a própria construção dos papéis de gênero. (COSTA, 2010, p.176).

Os discursos das autoras nos permitem problematizar a posição do gênero feminino em relação à construção identitária e ocupação das vias público-sociais orientadas visivelmente pelas transformações globais e influência dos movimentos feministas. Tais perspectivas impulsionaram alçar o relevante interesse de representar e adentrar no espaço da mídia ocupado pela revista Playboy, dirigida diretamente ao

público masculino e indiretamente voltada ao público feminino, sobretudo numa época (anos 80) marcada pela centralidade do conservadorismo puritano³.

Todavia, as autoras Sarti (1998) e Costa (2010), nos possibilitam romper com o ideal sensacionalista exagerado, já que a sociedade prescinde mudanças e moldagens, transgredida pelos meios comunicativos e informativos. Essas referências permitem edificar um novo espaço histórico feminino, representado por mulheres que “lutaram” e desfrutam de uma liberdade sexual a partir dos conteúdos expostos pela revista Playboy. Esclarecendo que o marco da liberdade sexual não está apenas restrito ao ato, mas à liberdade de expressão, pensamento e presença dos ideais nas camadas sociais, ou seja, mostrar os anseios sem se prender a padrões impostos por uma sociedade moralista, conservadora e machista, estabelecida por décadas.

Evidentemente, essas discussões apontadas pelas autoras auxiliam na compreensão dos contextos feministas, possibilitando problematizar a revista Playboy como um método de interação social e de interpretação informativa, a qual possibilita quebrar com os isolamentos grupais, individuais e sociais, já que os mesmos pluralizam vozes e distribuições “democráticas” de um objeto/material de inter-relacionamento humano. Porém, mesmo sobre as margens de um entretenimento erótico e fotografias de belas mulheres nuas, a Playboy apresenta em suas páginas conteúdos políticos, literários, culturais, opiniões de leitores (através da sessão de cartas), ideias, críticas, jornalismo, e ainda, dicas de cinema, moda, diversão e culinária. O intuito desta análise visa compreender as mensagens e a carga informativa contida nas entrevistas da Playboy, desvelando a importância da mesma na construção do conhecimento dos leitores, principalmente nas relações de representação feminina.

Portanto, os discursos de Ana Alice Alcântara Costa (2010) e Cynthia A. Sarti (1998) permitem compreender a busca pelos direitos de igualdade entre os sexos, gerando necessariamente a liberdade sexual por intervenção de ideias femininas no combate cotidiano a todo tipo de opressão, onde homens e mulheres deveriam dividir o mesmo espaço sobre direitos e deveres de igualdade, sem repressão por definição do sexo.

³ Puritano: Preceitos relacionados à obediência, ética e moral, expressando comportamento inflexível, principalmente, no que se refere à sexualidade. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 28/03/15.

Nestes termos, podemos observar que parte da historiografia do século XX é marcada pelo senso de conquista gradativa das feministas, como: o direito do voto, instituído pelo presidente Getúlio Vargas, o qual implantou o Código Eleitoral, garantindo que todas as mulheres brasileiras tivessem o direito de votar. As posturas e as representações feministas se modificaram, a década de 80, por exemplo, faz referencia a mulheres modernas com *looks* e estilos ousados, ingressadas maciçamente no mercado de trabalho. Estas conservavam a ideia do matrimônio e do valor familiar sem abrir mão das suas conquistas e da concretização da emancipação feminal, sobre uma organização mais democrática da sexualidade. Produtivas, seguras e independentes, elas assumem a ideologia de suas fantasias, vaidades e vontades, influenciadas por personalidades como Madona e Cyndi Lauper, que na canção “Girls Just Wanna Have Fun” (As Garotas Querem Só Se Divertir) firmava a contra posição dos pais e a real vontade das garotas-mulheres desta nova década.

Esta nova década apresentava-se através de uma nova identidade feminal, evidenciada por moldagens regidas em ações e direitos para mulher, atribuídos pelas reivindicações femininas, propagando a implantação, em 1983, do PAISM⁴ (Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher); das DEAMs⁵, Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher, em 1985; do UNIFEM⁶, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, também em 1985, e do CEDIM⁷, Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, em 1987. Aos poucos a mulher começava a ganhar espaço nas categorias públicas, mas ainda era necessário vencer dois grandes opositores: o machismo e o preconceito entre as camadas da sociedade.

Para alcançar cada vez mais a supremacia feminina, fazia-se necessário conquistar algo mais consistente. O movimento constituinte “*lobby* do batom” (movimento feminista de 1987-1988) mediava a redemocratização e participação das mulheres nas vias políticas, na busca por uma maior participação na Constituição

⁴ PAISM (1983): Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, com o objetivo de reduzir a morbi-mortalidade da mulher e da criança.

⁵ DEAM (1985): Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher compõem a estrutura da Polícia Civil, devendo realizar ações de prevenção, apuração, investigação e enquadramento legal.

⁶ UNIFEM (1985): Órgão das Nações Unidas, criado com a missão de prover assistência técnica e financeira a programas inovadores e estratégias que contribuam para assegurar os direitos da mulher, sua participação na política e sua segurança econômica.

⁷ CEDIM (1987): É um órgão de assessoramento na implementação de políticas públicas, vinculado à Superintendência de Direitos da Mulher, da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos.

Federal, pela qual se proporcionaria direito e igualdade entre homens e mulheres perante as normas da Lei. Notoriamente, esse crescente avanço influenciaria uma maior liberdade e participação frequente das mulheres no mercado de trabalho.

Esta ascensão modernista no mercado de trabalho protagonizou um crescimento gradativo para os investimentos capitalistas: as mulheres tornavam-se mão-de-obra conveniente e barata para o sistema econômico, pois a sociedade ainda mantinha as normas de preconceito sobre os sexos. Elas acreditavam ter conquistado sua liberdade sexual, mas a sociedade “machista” alimentava os preceitos tradicionalistas do matrimônio, da procriação e da redenção familiar de esposa-mãe-rainha-do-lar, e assim, as oprimidas (ou o sexo frágil) deveriam receber salários menores, pois a classe masculina deveria ser superior em todos os setores de “conveniências”.

O trabalho feminino passava a ser visto como acessório temporário. Os críticos acreditavam que trabalhar fora, cuidar dos filhos, da casa e da vida conjugal, seria exaustivo, o que levaria muitas mulheres a desistirem fácil da sua independência, mas se para muitas o recôndito do lar era sua posição de “sobrevivência”, pela não ousadia de lutar pelo seu espaço, para outras a consolidação das suas atividades produtivas no mercado econômico se tornava tão importante quanto cuidar de seus filhos. Estas atitudes atribuíram às carreiras feminizadas um desempenho diferenciado: “vistas como adequadas às mulheres, com frequência exibem um excesso de demanda, o que representaria sua menor valorização” (AGUIAR, 1997, p.16). A partir de então, diversas profissões passam assumir um caráter preferencial feminino.

Ainda assim, observamos que alguns autores e contextos historiográficos encadeiam uma passiva restrição quanto à participação feminina dos eventos, essas se encontram em setores quase despercebidos, uma representação contornada de machismo e constituída por uma diminuição feminal, provavelmente propositada pelas diferenças biológicas dos gêneros. Nestas restrições temos as crenças religiosas como principal propulsora desta restrição da figura feminina. Repressora do poder por séculos, a Igreja instituiu costumes, educação e segmentos. Preparadas para o matrimônio e detentoras de um único mérito, as mulheres serviam apenas como reprodutoras, eram destinadas a obediência, classificadas como segundo ser humano criado após o homem. Portanto é plausível questionar que o fato da mulher ser considerada como “segundo ser humano” justificaria as repressões e preconceitos contra a mulher? De certa forma, constatamos a

influência maciça destes pré-requisitos religiosos sobre as narrativas históricas, sendo assim, os grandes lapidadores “sufocam” o espaço histórico feminino para enaltecer a hegemonia masculina.

Portada por um entendimento pessoal, ressalto que a eventualidade transcrita e representada da criação humana pelo contexto bíblico da Gênese, não apresenta ou direciona proposições sobre as posições e perfis dos sexos. Mas, notavelmente, podemos atestar que parte desse discurso dogmático milita outros prejulgos sobre a mulher, como por exemplo, Eva induzir Adão ao pecado, causando a expulsão de ambos do Paraíso. Neste sentido, a honra da purificação é manchada, as mulheres são responsáveis pela perversidade e perdição dos homens, por isso devem ser submissas e obedientes, pois os homens devem ser dominadores (alfas), sua superioridade se sobressai ao pecado. Notoriamente, podemos considerar, entre outros aspectos, que as noções entre homem e mulher foram construídas a partir das lógicas binárias conferidas a ascendente dominação masculina, apoiada pela Igreja e o poder social, noções essas que foram ao longo dos anos sendo reatualizadas.

Esse critério influencia uma concepção de identidade edificada pelas possibilidades físicas e biológicas dos sexos, complementada pelo apadrinhamento da “redenção” das mulheres, passando a construir uma masculinidade presa a um único órgão, o pênis. Para tanto, a hegemonia masculina, estruturava-se sobre a virilidade do pênis, uma linguagem subliminar, na qual a base estrutural dos gêneros encontra-se ligada unicamente ao seu órgão genital, pois, “desde os inícios da civilização ocidental, o pênis foi muito mais que uma parte do corpo: foi uma ideia, uma medida-padrão conceitual do lugar do homem masculino no mundo” (MURIBECA, 2010, p. 05). Sendo assim, para alguns, a sexualidade feminina é apenas um corpo sem valor, com serventia para criar e procriar. Os mesmos críticos apontam um sentimento de inveja por parte das mulheres por não possuírem um pênis, afirmando que este seria um dos motivos para as revoluções e implantação dos movimentos feministas.

Neste sentido, visamos compreender a constante luta por direitos, de mulheres que passaram a ser vistas como meio possível para o progresso, e como principal responsável em desenvolver a mais nobre tarefa de sua existência. Em tese, observamos os discursos e a politização entre o conservadorismo da Igreja católica e os ideais defendidos pelos grupos femininos, onde ambos explicitavam a formação identitária dos

gêneros. Os movimentos feministas lutavam pela construção da hegemonia feminal entre as classes populares, e por outro lado, a Igreja instituía os princípios da moral e do planejamento familiar acorrentados a um regime autoritário. Identificar a identidade dos sexos sobre as margens destes discursos ocasionaria na transgressão dos mesmos depoimentos históricos (a história dos grandes homens).

Mas segundo a narrativa de Josenia Antunes Vieira (2005, p. 214):

A identidade do sujeito, homem ou mulher, não pode ser vista exclusivamente como a prioridade de um ser centrado e com limites predefinidas pelo gênero, que se revela a si próprios na história. Ao contrário, acrescentamos que a identidade é aberta, dominada pela incompletude, multiforme. Tem contornos fugidios e adota traços pessoais, culturais e contextuais que se confundem com a sua própria história. A identidade é por natureza, híbrida e inconstante.

Neste sentido, a autora enfatiza que o processo de construção identitária dos sujeitos se dá de forma múltipla e variável. Entretanto, constatamos que a identidade se diversifica conforme as alterações dos meios culturais e sociais. Estes eventos resultam das variações estabelecidas pelas mudanças modernas globais e econômicas, a intervenção ideológica destes percursos condiciona aos indivíduos uma particularidade de escolha sobre seus discursos, perante a sua incorporação na sociedade e construção da sua identidade. Sendo assim, podemos afirmar que heterogeneidade dos gêneros não se define apenas pela eventualidade dos sexos; o que comporta a construção do papel do sujeito é base historiográfica, a que ele se incorpora.

É possível considerar que parte desta construção identitária se complementa sobre uma exposição sexual bastante crescente no espaço na contemporaneidade, jornais, revistas, novelas, filmes, músicas, são exemplos que demarcam as influências obtidas por este processo de sexualidade e nos possibilita alçar um novo olhar histórico sobre os aspectos tratados por uma revista tipicamente masculina, entendendo que este meio informativo de entretenimento eclodiu sobre as camadas sociais e culturais durante décadas. A repercussão da Playboy se fez convencionar uma maior preocupação com a “educação” sexual dos seus leitores, através da divulgação de “práticas” que poderiam “melhorar a vida sexual do casal”, bem como transformações íntimas, quebrando a resistência de determinados “tabus” conservadores. A Playboy transgredia um império de cassinos, boates, mercadorias e o pioneirismo de programas de TV inovadores, a

mesma definia-se como defensora da liberdade sexual e dos direitos civis, conceitos que certamente “mudariam” as diretrizes da sociedade.

Ressaltando que o sexo era uma conduta de tabu para o mundo do pós-guerra, Hefner inspirou-se nas teorias de Alfred Kinsey⁸, conhecido como o “pai da revolução sexual”, após fundamentar o sexo como ciência em 1938. Sobre as divergências de um resultado prático de estudo em entomologia e zoologia; Kinsey define uma ideologia sexual livre, determinada pela construção da identidade cultural. Segundo o mesmo, as relações sexuais entre os animais eram um modelo para o comportamento sexual humano. “A única diferença residia no facto de os animais atuarem sem inibições, as quais eram impostas pela sociedade” (GARCÍA, 2005)⁹. Relativamente, percebemos que suas análises retratam um comportamento sexual natural/livre, seja por intervenção do sexo extraconjugal ou homossexualidade, condicionado unicamente à opção preferencial de cada indivíduo.

Kinsey publica em 1948 o livro “Comportamento Sexual no Macho/Homem”, no qual suas pesquisas demonstram as condutas sexuais sobre o mesmo nível moral para ambos os gêneros, entre outros termos, a prática sexual sem distinção dos sexos, afirmando que o casamento não se faz necessário para a realização das vontades sexuais. Segundo ele, a heterossexualidade não é normal, pois a margem do preconceito é construída através das diferenças presentes entre os grupos sexuais (heterossexuais e homossexuais), impostas na sociedade por intervenção judaico-cristã. Neste sentido, Kinsey (1948) “relativizava que a conduta cultural-social, se condiciona ao tradicionalismo do sexo como prática do casamento entre homem e mulher” (GARCÍA, 2005).

Esta nova conduta de educação sexual proposta por Alferd Kinsey foi um desafio notável para as relações socioculturais do mundo pós-guerra, chocando intensamente as raízes puritanas dos estados americanos, mas o norte-americano Hugh Hefner considerou a teoria Kinsey mais interessante do que chocante, buscando mostrar de forma diferenciada o romantismo presente em homens e mulheres.

⁸ Entomologista e zoólogo norte-americano. Em 1947, na Universidade de Indiana, fundou o Instituto de Pesquisa sobre Sexo, hoje chamado de Instituto Kinsey para Pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução. Suas pesquisas sobre a sexualidade humana influenciaram profundamente os valores sociais e culturais dos Estados Unidos, principalmente na década de 1960, com o início da chamada "revolução sexual".

⁹ Disponível em: <<http://vida.aaldeia.net/alfred-kinsey-revolucao-sexual>>. Acesso em: 02/06/2014.

No entanto, a década de 50 representava uma sociedade plenamente conservadora, que se inseria plausivelmente no espaço politicamente moderno. É considerado o período de transição das revoluções comportamentais e tecnológicas, marcando a implantação do cinema e a chegada da televisão. Mesmo com a intervenção do crescimento global, capitalista e informativo, a sociedade mantinha discursos sexuais regidos pelos tabus do conservadorismo, condicionando a identidade e os papéis ocupados homens e mulheres nas relações culturais e sociais. Porém, segundo os discursos históricos, esta mesma década estimulava a divergência dos sexos, já que os movimentos feministas se instalavam com mais aptidão nas vias públicas.

Restrito a uma criação repressora e conservadora, limitada por normas religiosas e familiares, “desafiada” pelas reivindicações dos direitos iguais e liberdade sexual feminina, Hugh Hefner iniciava a prática dos seus ideais. Com ajuda de parentes e amigos, principiava a produção da primeira edição Playboy, lançada em dezembro de 1953, como uma revista urbana voltada para público jovem, especificamente homens. Composta por contextos, músicas, ficção, humor e fotos de mulheres bonitas nuas, em sua capa central a revista estamparia a atriz Marilyn Monroe, conhecida como a doçura do mês, a mesma se contornaria ao que mais tarde ficaria conhecida como a *playmate* do pôster central.

A revista ganha espaço e destaque no meio público, acarretando críticas e censuras por parte da religiosidade, política e do conservadorismo familiar, que julgavam os conteúdos e as exposições femininas obscenas. Sobre as divergências de entreter e informar, os conteúdos da Playboy tentavam aproximar o leitor de uma realidade mais contemporânea, e a esses moldes chegava-se através das novas exigências modernas, instigando incessantemente a capacidade sexual de homens e mulheres, mesmo diante de uma forte censura política. Nestes termos, a perspectiva das identidades femininas e masculinas encontrava-se incorporada aos perfis dos padrões socioculturais, estabelecidos pelas regras educacionais do público e privado, com uma sexualidade circunscrita aos tabus da ética social.

Visivelmente, as narrativas contemporâneas demonstram a permanência de uma mentalidade agregada às concepções de um espaço periférico, no qual homens e mulheres devem ocupar lugares distintos. “Liberdade” para o trabalho, espaços públicos, com direitos e uma igualdade limitada, as mulheres atuais desfrutavam de um

espaço compactado, independentes, mais restritas a supremacia do conservadorismo moral cristalizado por séculos, submetidas ao papel de guardiã dos filhos, do esposo e do lar, a ordem educacional católica/familiar dos bons costumes mantém viva a predominância do matrimônio. Situado neste meio implícito de “repressão” sexual, a Playboy aventura ideias de liberdade, amor e sexo para homens e mulheres, proposta da revista, segundo Hefner, “sexo é saudável”. Evidentemente, a proposta da Playboy instigaria a reprovação das camadas públicas-sociais de um período fortemente marcado pelas diferenças dos sexos.

Segundo Josenia Antunes Vieira (2005, p. 221):

A sociedade está acostumada ao discurso de que as diferenças culturais podem trazer dificuldades nas relações sociais e até mesmo o confronto e o enfrentamento. No que toca os gêneros, se os sexos masculinos e femininos forem considerados como duas culturas diferentes que coexistem em um mesmo contexto, constataremos que nem sempre essas diferenças têm sido consideradas. As distâncias culturais que envolvem os dois sexos são visíveis no modo de ser, de falar, de pensar, de sentir, entretanto nenhuma dessas culturas vê essas diferenças na outra.

O sentido implícito da autora destaca que o comportamento discursivo das normas sociais influencia a instrução das divisões identitárias dos sexos. As relações afetuosas, familiares, religiosas e educacionais, constroem a escala social ocupada pelos indivíduos, proporcionando a divisão dos papéis culturais e sexuais dos sexos, para os homens, a liberdade de frequentar as dominâncias públicas, uma vida sem tanta resistência social e sexual; já as mulheres comportam o legado dos cuidados e trabalhos do lar, rendidas a resistência privada sem exposição social, concentradas a conservar os tabus da conduta sexual.

Segundo Vieira (2005), essas separações culturais dos gêneros edificam a existência de duas culturas, sobre a base de uma mesma narrativa histórica, nos possibilitando entender que a formação identitária masculina só se estabiliza por intervenção da construção feminina, ou seja, as identidades dependem uma da outra para existirem/coexistirem. Essas predominâncias se articulam a partir das diferenças presentes no meio público-político e em ambas as identidades, pronunciando a modelagem comportamental dos princípios ético-morais de cada sujeito.

Contudo, ressalto que o embasamento das pesquisas realizadas explana a composição do discurso histórico por intermédio do determinismo social, moldado

perante a constituição da identidade de cada sujeito, um processo ideológico contínuo, provocado por intervenção das alterações globais, tecnológicas e modernas concentradas no meio sociocultural. Portanto, mediante as predominâncias dos valores culturais femininos e masculinos, são instituídos por intervenção de suas escolhas/necessidades particulares, legitimando o estereótipo de suas identidades enquanto pessoa pública.

Essa conduta identitária influencia as divergências dos discursos historiográficos, pois as atividades intelectuais definem a valorização específica de cada época/momento histórico, ou seja, a construção da identidade, o determinismo social e as fragmentações do meio público, subjetivam o sentido/valor instrumental acentuado na interação discursiva do tempo e espaço político-cultural-social. Por este viés, elencamos a Playboy relacionada a essas eventualidades, mulheres, bebidas, carros, moda, cultura e entretenimento, suas paginas incorporavam o sucesso do seu império, compondo uma personalidade crítica bem definida, a mesma despertava a repressão da censura social.

Seus ideais proporcionavam abertura de um novo consenso “pessoal”. Para a Playboy, os indivíduos são livres, detentores de suas vontades-desejos-fantasias, assim, a revista possibilitava a vivência de seus anseios. Como um crescimento avassalador de vendas e *merchandising*, a mesma implantava, em Outubro de 1959, o primeiro programa Playboy (Playboy’s Penthouse), envolvido por uma variedade de artistas multirraciais, muita música, humor, diálogos e entrevistas inteligentes, e garotas bonitas, uma forma de mostrar para o mundo a liberdade e diversidade cultural e social.

Sobre a construção de moldes modernos e inovadores, a Playboy começava a mudar o mundo da mídia e a influenciar os modelos de entretenimento e diversão dos sexos. Ponderados através de meios de comunicação, os programas transmitiam a realidade transcrita pelas páginas da sua revista. Tempos depois, movido pela independência e expansão da sua logomarca, Hefner dá início a constituição dos *Playboy club’s*, nos quais deram destaque para as garçonetes mais requisitadas do mundo, conhecidas como “as coelhinhas da Playboy”, essas novas criações certamente revolucionariam a cidade de Chicago e o mundo.

Esta crescente versatilidade progressista e o alargamento sexual induziram um discurso indissolúvel sobre o que era obsceno ou aceitável para vias sociais, ostentado a

repressão da censura do governo e de algumas ações sociais contra a revista. Porém, eminentemente notamos que o conservadorismo puritano e a coerção opositora não reteriam a progressão do processo revolucionário sexual. Para tanto, os indícios contemporâneos subjetivam que os agenciamentos informativos e tecnológicos do século XX condicionaram a objetividade da identidade dos sujeitos e o enfraquecimento de alguns *status* e normas sociais de poder.

Todavia, a década de 70 marcava a explosão da revolução sexual, uma sociedade mais livre do conservadorismo e mulheres movidas por novos consensos de moda, a culminância da minissaia e a ousadia feminina tomavam as rédeas das suas vontades e fantasias. E neste presente espaço encontrava-se o possível apoio de Hefner a esta conflagração sexual, eclodindo o crescente mercado global da Playboy, mais investimentos em cassinos e mansões, fora das denominadas “Américas”, atribuem um aspecto multimídia para logomarca da revista.

Mesmo sendo uma das marcas de maior sucesso do mundo, a revista só se faz presente no Brasil em agosto de 1975, trazendo em destaque a modelo Livia Munde. Com o país movido de repressão militar, é nítido que a mesma passa pelos rendimentos da censura de imprensa. Produzida pela Editora Abril, a primeira edição brasileira é marcada pela proibição de uso da logomarca Playboy e a exposição do nu frontal por intervenção da censura, sendo assim, a mesma passa a utilizar o codinome “Revista do Homem”. Quase três anos depois, especificamente em Julho de 1978, os exemplares da revista “rompem” a imposição da censura, incidindo estampar pela primeira vez o seu verdadeiro título - Playboy - nas bancas.

Consideramos que a proibição da revista acabou despertando o interesse de homens e mulheres sobre as caricaturas do sexo, e, notoriamente, percebemos que a referência contextual proposta pelo editor da Playboy contribuiu, de certa forma, com a mudança das estruturas culturais e sociais de muitos indivíduos, principalmente no comportamento e contextos femininos, possibilitando uma maior liberdade de expressão, exercendo papéis sociais até então exclusivos do homem.

Segundo Victor Civita:

É uma revista para ajudá-lo a tornar-se completo. Para atualizá-lo em todas as áreas de seu interesse inteligente: esporte, aventuras, arte, cinema, moda, literatura. E naturalmente, nas doses certas, um outro assunto de grande

interesse: a mulher” (Fundador da Editora Abril, agosto de 1975, Playboy nº 1).

Eminentemente, as transformações e as novas roupagens globais, associadas à legitimidade sexual/erótica da Playboy, diversificaram a construção da auto identidade feminina e masculina, consolidando novos conceitos e formas, para as esferas do sexo.

Neste sentido, realizo uma análise dos conteúdos (materiais), que compõe os meios jornalísticos, informativos e comunicativos presentes na revista Playboy, buscando historicizar as questões de gênero inseridas nos presentes discursos da formação feminista, articulando construir um novo consenso de espaço e perspectiva para a cultura histórica das mulheres, na qual anseio retratar a construção identitária feminina, portada pelas margens de um entretenimento sexual tipicamente ligado ao universo e interesse masculino, instrumentalizando novas definições e alargamento sobre as noções tradicionais e conservadoras, ainda fortemente marcadas entre os sexos. Além disso, também buscando entender historicamente a importância representativa da Playboy para o contexto feminino quanto às atividades públicas, sociais e culturais, durante a década de 1980 e a contemporaneidade.

Para tanto, nossa sociedade atual monopoliza uma crescente diversidade cultural e político-social, entre as opções dogmáticas e identitárias dos indivíduos, um consenso de liberdade democrático conquistado e moldado durante a transgressão das vias globais. Sob um padrão de vendas, modas, lugares paradisíacos com comidas e muita diversão, a Playboy, usando seu *marketing* e a influência participativa de personalidades da mídia para “aumentar” seu capital, possivelmente esse seja o segredo para manter-se no topo há mais de seis décadas. Desta forma, podemos salientar que mesmo inserido em uma sociedade de contraposições e divergências conservadoras entre os sexos, as mulheres brasileiras chamavam atenção pelas curvas e sensualidades, expostas nas páginas da Playboy, nos induzindo a entender quais sensações e reações elas almejam despertar nos leitores desta revista.

Como porta voz referência, utilizarei como exemplo a ousadia e modéstia da atriz brasileira Antônia Fontenelle, que chamou atenção da mídia ao declarar: “aceitei fazer as fotos para entrar na história da revista como as grandes entraram. Podem estrebuchar, podem criticar. Aliás, aceita que dói menos”. De acordo com a entrevista,

apresentada pelo site de notícias “Pé de Figueira”¹⁰, a atriz revela que posar para a revista estimulou o crescimento do seu ego, dinheiro, e, claro, a possibilidade de exibir as suas belas curvas: “[...] tenho 40 anos e quero chegar aos 60 mostrando a revista aos meus netos e dizendo: ‘Olha, sua avó aos 40 anos era a gostosinha’[...]” (Antônia Fontenelle - Pé de Figueira, 2013).

Ao analisarmos as explicações e opiniões da famosa, podemos concluir que a mesma, após estampar as páginas da Playboy, acabou marcando de forma “grandiosa” seu espaço na mídia, fazendo juras à ostentação do seu ego, em outras palavras, é possível dizer que a exposição na revista atribui um consenso de manifestação de poder, e sem dúvida alguma, o ensaio fotográfico de Antônia Fontenelle lhe permitiu uma posição no topo das mulheres mais cobiçadas e desejadas do Brasil.

Se compararmos a composição da Playboy atual com a dos anos 80, percebemos que a diversidade informativa e o entretenimento são os aspectos principais das publicações, ou seja, a base central para o sucesso dos exemplares. Nestes termos, a divergência dos conceitos de análise entre ambos os períodos, estabilizam-se nas proeminências socioculturais de cada ano, ou seja, os modos, educação e conduta comportamental identitária, determinada pelo senso de liberdade democrática dos sujeitos e sociedade. Evidentemente, a nossa atualidade é composta por uma conduta sexual menos repressiva, já que margens democráticas permitem que cada indivíduo escolha suas diretrizes e dogmas.

Entretanto, sabemos que a versão brasileira da revista eclode em alta nos 80 devido à influência da mídia artística. Atrizes e modelos que estampam a capa e as páginas centrais da Playboy. Mas, evidentemente, as margens puritanas sócio-político-culturais deste mesmo período exclamavam o teor pornográfico que se espalhava pelos meios públicos e familiares, mulheres nuas, contextos sobre sexo e representação de atos eróticos, culminavam em homens e mulheres classificados como “a perdição do mundo”. Nesta perspectiva, busco alçar sobre a revista, uma predominância particular no que diz respeito às divergências da sexualidade entre homens e mulheres.

Sendo assim, ao analisar alguns conteúdos, propagandas e enunciados da Playboy nos anos 80, notamos o sexo feminino sobre expoente de referente conquista, condicionadas a ocuparem o meio público-social; existe um expoente de incentivo em

¹⁰ Disponível em: <<http://www.pedefigueira.com.br/entretenimento,6826,antonia-fontenelle-vou-entrar-para-a-historia-da-playboy>>. Acesso em: 13/06/2014.

torno das publicações informativas, ou seja, em que homens e mulheres dividem o mesmo espaço público de trabalho, e que o fato delas trabalharem fora aumenta e esquenta a relação. Deste modo, é possível identificar que a revista gerencia informações globais e táticas de “ensinamento” sobre conquista e autoestima erótica, superestimam as práticas e desejos masculinos e as realizações femininas. Segundo as margens da mesma, os requintes dos restaurantes, viagens e lazeres indicados em suas páginas, estimulam metas de comportamento e cuidados condicionadas aos homens, designam uma maior interatividade entre os casais, postulando uma maior abertura para o diálogo e espaço de liberdade, satisfazendo melhor os gostos femininos.

Direcionada a expor uma nova conduta sexual entre os gêneros, a Playboy implantava aberturas subversivas de mídia informativa, possibilitando uma nova construção identitária para o enredo feminal, propiciados sob a efetuação de páginas como: “Mulheres e o Seu Astral”, claramente concebidas pela “aquiescência” feminina, “Mulheres” (“O que vai pela cabeça de quem mais interessa ao homem”), além de participações em cartas nas páginas “Caro Playboy” e “Assessoria”, além de artigos e entrevistas. Com base nestas atribuições, notamos homens e mulheres direcionados sob uma representação padrão da mídia, nos proporcionando a considerar a possibilidade de apoio da Playboy a liberdade de expressão feminina, catalogando uma supremacia de interação entre os gêneros perante o âmbito público-social, determinando novas aquisições de ideias delimitadas por: posição, atitudes e pretensões femininas, situando a idealização de um novo consenso masculino sobre elas.

Portados por estatística liberal, os sujeitos relativizavam crescentemente os discursos comportamental, sexual e os divergentes papéis estabelecidos pelos indivíduos perante a sociedade, que vinculados aos modernos paradigmas tecnológicos e a inconstante revolução sexual, proporcionaram a moldagem dos discursos da publicidade. Consequentemente, a engrenagem feminina nos âmbitos públicos permitiu à mídia alçar investimentos em fontes informativas sobre o *ser* mulher, possibilitando reformulações em papel de conduta moral e sexual, refletindo visivelmente a identidade e as formas de se relacionar e agir dessas mulheres perante a ordem vigente da realidade social. “A relevância desse exercício jaz no fato de que os anúncios publicitários de fato funcionam como um verdadeiro reflexo do que está acontecendo com o sistema

simbólico, com o sistema de valores de uma sociedade num determinado momento” (VELHO, BACELLAR, 2003, p.06).

Atualmente percebemos uma progressiva evidenciação do sexo, as vias comunicativas importam indícios de satisfação, o domínio e o prazer de nossas próprias decisões. Todavia, o discurso das autoras nos induz a sistematizar a frequente e forte preponderância do comportamento sexual presente nos filmes, músicas, propagandas e revistas retratando a relevância desses aspectos de forma quase que convencionais para os sexos. Nesses termos, consideramos que a década de 80 movia-se por uma publicidade ostentada por requisitos casualmente feminais: inseridas no mercado de trabalho, movidas por uma simbologia sexual livre, exacerbada em uma roupagem proeminentemente de “mulher moderna”, ou seja, esses avanços midiáticos difundem a classificação biológica naturaliza à homens e mulheres de posições distintas, incumbindo à participação de ambos no mesmo âmbito social, delegando a formação de seus discursos perante a construção de sua imagem/personalidade identitária sobre as ocupações da sociedade.

Essas peculiaridades construíram um modelo socialmente antológico, abalizado pelo desenvolvimento de uma fragmentada sociedade contemporânea, na qual retratava a intencionalidade das faces dos gêneros. Deste modo, entregaremos os contextos (matérias e citações) apresentados e publicados nas edições brasileiras da Playboy, como base de pesquisa e estudo, mediando institucionalizar novas aspirações para as narrativas femininas. Para tanto, mesmo se referindo a um *status* tipicamente masculino, as páginas da revista inserem uma “forte” presença feminina. A menção dos exemplares direciona a indução de um perfil de *sex symbol*, corpo e curvas desejados pelos homens; porém, é plausível identificar que para além da satisfação do prazer, as mesmas instituem o papel de mulheres independentes, fortes e múltiplas, que desejam realizar suas fantasias sem se preocupar com o conservadorismo social. Entretanto, acredito que a Playboy não incentivava o abandono do lar ou a perda das mulheres, seu critério induzia à diversão, o direito de realização dos desejos e prazeres de ambos os sexos.

Entre outros pontos, elencamos com base nessas análises que as sessões: “**Cartas do leitor**” ou “**Caro Playboy**” e “**Assessoria**” constituem a abertura de espaço para o público leitor da revista, o objetivo principal destes componentes é relativizar a busca pela informação, possibilitando aos leitores comentar, direcionar

questionamentos pessoais e críticas sobre os assuntos tratados pela edição da revista. Ao buscarmos essas informações, constatamos que tais sessões de abertura expõem indagações relacionadas ao erotismo, cultura, moda, desejo, machismo, política, além de críticas e elogios sobre os assuntos e os ensaios fotográficos das atrizes e modelos apresentadas na revista. Outra característica contida nessas páginas é o anonimato, já que não há exigência de identificação para os leitores, nos induzindo acreditar que ambos os sexos escreviam e participavam dessas publicações eventuais, mesmo diante de um forte conservadorismo público-social.

Marcando uma aquiescência de sucesso, a Playboy proporcionava novas ideias e comportamentos inusitados, para **elas** a oportunidade de novos recomeços e caminhos, para **eles** a satisfação de admirá-las em suas mais perfeitas curvas e formas. Este avesso da batalha preliminar questiona as bases da revista, sob uma linguagem continuísta, poderíamos considerar a Playboy em sua totalidade apenas como fonte masculina? Todavia, ressaltamos que a proposta da Playboy liga-se à retratação dos eventos, avaliando as vias e ocorrências cotidianas do meio social, em outras palavras, a mesma ajustava uma diversidade informativa para ambos os grupos e classes, apesar de sua formação abastecer inúmeros requisitos masculinos.

Ao analisar, as cartas dos leitores das edições 1979, notamos a presença de opiniões femininas e masculinas. No que diz respeito aos homens, consiste a busca por informações de compras sobre materiais esportivos e lazer, criticam e elogiam matérias e os entrevistados, e claro, retratam exaltação e satisfação para as fotografias das modelos, principal entretenimento da revista. Como referência, podemos citar a carta de Raul Santos Filho:

Tenho um amigo americano, de Nova York, que ficou encantado com a Playboy brasileira, ao vê-la pela primeira vez, em Julho deste ano passado, quando esteve passeando por aqui. Desde então tenho enviando mensalmente a revista para ele. Ao receber o número de Abril e ver as fotos de Marisa, ele me telefonou de Nova York, dizendo-se perdidamente apaixonado por ela e me pedindo para conseguir seu endereço. Sei que vocês não podem fornecer o endereço das garotas que saem na revista, mas gostaria que fizessem chegar às mãos de Marisa uma carta dele, que envio aos cuidados de Playboy (PLAYBOY, Junho de 1979, p.08).

As modelos e as personalidades artísticas não chamam atenção apenas pela sensualidade e nudez, suas roupas e lingerie utilizadas nos ensaios fotográficos.

Mesmo fazendo parte de uma sociedade de pós-liberdade sexual, e com abertura nas páginas Playboy, algumas mulheres ainda mantinham o machismo do conservadorismo e das rédeas de submissão, já que algumas dependiam dos seus cônjuges para obterem informações de determinados objetos e roupas apresentados nas páginas da revista. “Ficou bacana a reportagem com as *chacretes* na Playboy de Dezembro. Minha namorada pediu para perguntar a vocês se as lingerie que elas usam nas fotos são importadas” (Edgar E. Machado - PLAYBOY, Março de 1979, p.07).

De um lado, mulheres que se espelham nas belezas da Playboy, por outro, defensoras “femininas” que não aprovam o machismo publicado e sustentado pela revista. Sobre este discurso, destacamos a carta exposta na edição de Outubro de 1979, como o título bastante chamativo: “De dois em dois minutos”. A carta veio expressar o protesto de uma mulher, que por opção preferiu não se identificar. Demonstrava indignação sobre o artigo de Lisa Southern publicado na edição de Agosto, no qual relatava segredos de como satisfazer a mulher com o máximo prazer. Para a leitora, o artigo é simplesmente ridículo e equivocado quando afirma: “uma mulher precisa esperar quase tanto tempo quanto o homem para repetir o ato sexual” (p.07). Segundo a leitora, as mulheres, após um pequeno intervalo de dois minutos, podem experimentar prazer novamente, mesmo sendo com pouca intensidade.

Retratar essas opiniões nos possibilita compreender uma participação feminina mais ativa nos meios informativos, mesmo sendo sobre margens informais (ocultas). Críticas, dúvidas ou receio, tais requisições femininas seriam por medo da exposição pública ou apenas uma forma de alegar, mesmo que substancialmente, seu poder de persuasão sobre os supostos dominadores masculinos? Sobre as margens de uma análise psíquica, podemos considerar que o senso oculto da feminilidade é abastecido pelas pretensões do inconsciente, em outras palavras, no que diz respeito aos desejos e referenciais sexuais, as mulheres são/gostam de ser indecifráveis.

Segundo Muribeca (2010, p. 04):

[...] Ademais, as principais ideias de Freud sobre a sexualidade feminina e sua feminilidade são concebidas desde uma análise comparativa que toma o homem como modelo padrão, calcando o estudo do seu desenvolvimento psicosssexual sobre as ciências da fisiologia, da anatomia, que determinava o destino da mulher, e da biologia, que estabelecia a hierarquia entre os sexos. Isso nos induz a pensar que: ou a mulher não se ajusta à teoria da feminilidade proposta por Freud ou é a teoria de Freud que não dá conta do feminino.

Conforme esta discussão realizada por Maria das Mercês Maia Muribeca (2010), podemos afirmar que a retratação feminal abordada na *Playboy* adverte sobre o uso da linguagem e da imagem, edificando a integração da caracterização, na qual unificar a conexão entre as personagens (modelo/atrizes) e o ambiente escolhido, compondo uma menção entre entendimento do leitor e a verdadeira intenção transmitida pelas personalidades da revista.

Deste modo, a emancipação da pílula anticoncepcional e lutas pela liberdade feminina os anos 70 muito influenciou as mulheres na busca de propostas modernas e inovadora. O processo de mudança entre as décadas iniciava um novo estilo comportamental para os gêneros, que passavam a dividir os mesmos espaços sociais. Notoriamente, é possível observar uma participação mais frequente das mulheres nos enunciados da *Playboy*. Os anos 80 ostentaram a supremacia dos direitos femininos e a eclosão da boa forma, a definição de um corpo bonito e saudável, despertava a alto estima e o desejo dos homens. Mas não bastava apenas estar fisicamente em alta, necessitava-se obtenção de conhecimento, para tanto, a edição de Agosto de 89 demonstra comentários femininos inseridos em contextos políticos, ecológicos e culturais, demonstrando que mesmo sendo uma via de entretenimento masculino, a mesma proporcionava espaço para ideias e critérios femininos.

A eminência dessas sessões nos anos 80 expressavam opiniões sobre os novos paradigmas sexuais femininos, prazer, beleza, orgasmo e preferência sexual. Coesamente, os homens mostram-se cada vez mais interessados em “entender” e satisfazer os prazeres femininos. À exemplo destes temas, podemos destacar o interesse do leitor em saber: “quais as tendências de tons e cores para casa”, com a intenção de agradar sua noiva (*PLAYBOY*, Junho, 88, p.11). Seguindo esta mesma linha, a edição de Julho de 88, também comporta assuntos como: as possibilidades de um sexo sem orgasmos, planejamento do noivo para uma lua de mel em alto mar (abordo), dúvidas sobre quais os móveis adequados para a casa nova, e os fetiches e sensualidade do mundo das fantasias. Assim como uma gama de informações direcionadas ao público feminino, como por exemplo: uso da camisinha feminina, sexo e gravidez, cuidados e prevenção, dúvidas sobre moda, esporte e prazer, e a relação entre o sexo e o emagrecimento, no qual saúde e prazer se completam.

Desta forma, evidente que mulheres e homens buscavam respostas, dicas e estímulos, visando manter uma vida social e sexual de alto nível, e a Playboy proporcionava a esses leitores as informações precisas. Com essa ascensão do sexo, os gêneros se preocupavam em conquistar e satisfazer seus companheiros, fantasias, orgasmos, carinho e amor, eram assuntos que marcavam a página de assessoria da revista, questionamentos, dúvidas e dicas, faziam-se elementos precisos para *merchandising* da revista. Enquanto as mulheres se preocupavam com as *lingeries* mais *sexy* e outros casos fora dos seus relacionamentos, os homens queriam saber os carinhos mais picantes e plenitude do orgasmo feminino.

Notamos a partir destes embates que ambos os sexos expõem de forma mais livre suas vontades eróticas, onde as mulheres já não se retraem para as predominâncias do conservadorismo puritano. A conquista da liberdade, a ocupação dos espaços públicos e a independência, atribuem a elas o porte de igualdade em relação aos homens, principalmente em relação à prática sexual, e como exemplos temos: “Após ter comigo uma íntima relação de precisamente dois anos, minha garota anunciou-me, de repente, que gostaria de sair com outros homens. Ela acha que – já que fui o seu primeiro homem pra valer – deve sair com outros homens para ver se eu sou o sujeito com que ela gostaria de ficar por muito tempo (PLAYBOY, Dezembro, 1979, p.16). Situações como essa, remetiam a busca de ajuda na parte de assessoria da Playboy.

Questões como: Um único orgasmo satisfaz o prazer feminino? Quais as sugestões de cores para pintar a casa de um casal recém-casado? Quero realizar minha fantasia, como faço meu namorado entender? Percebemos que a revista busca informar e corresponder ambas as partes, e que não existe por artifício da mesma uma exclusão dos sexos. Entre outras palavras, consideramos que Playboy não incentiva ou, de certa forma, mancha a entidade feminina com suas exposições, até por que a revolução não acontece por eventualidade de sua supremacia, mas devido à consolidação dos anticoncepcionais e dos movimentos feministas.

Ponderado que essas possibilidades fazem referência a justificativas vagas, deliberadamente existe um consenso válido em sua totalidade que comprove a separação de escala dos gêneros, ou seja, ao longo da formação histórica, notamos que homem e mulher caminham lado a lado, um completa o outro, a identidade feminina completa a masculino, e vice-e-versa. Portanto, é necessário que ambos façam sua parte

na construção de uma sociedade mais justa para todos, pois até mesmo o contexto feminista não anseia a superioridade das mulheres, mas a construção de um mundo melhor para ambos os gêneros. Sendo assim, não podemos admitir que as mulheres recebam um tratamento de minoria sendo maioria.

CAPÍTULO II

AMIGAS PRIMATAS: AS MENINAS PODEROSAS LOUCAMENTE MISTURADAS

*Deixa ela passar
Não olha nem mexe, não olha nem mexe*

Rá ela é terrível!

*Ela não anda, ela desfila
Ela é top, capa de revista
É a mais, mais, ela arrasa no look
Tira foto no espelho pra postar no facebook.*

(Mc Bola- Ela Não Anda Ela Desfila-2012)

Andar na moda, arrasar no *look*, tirar foto e postar no *facebook*, corresponde a descrições massificadas e carimbadas dos padrões identitários dos indivíduos modernos. Elementarmente nos encontramos incumbidos a uma atualidade proliferada e postada por intermediações público-sociais, constituídas de profundas transformações culturais e relacionais, possivelmente agregadas à crescente demanda das redes sociais. Nestes termos, a socialização situa-se em um ciclo proporcionado a expor e construir um sistema-universo de inter-relação casual, no qual frases e fotografias modelam a construção da conduta da autoimagem dos sujeitos.

Essa construção de socialização e inter-relação se intermediam por intervenção dos avanços tecnológicos, facilitando o acesso e o desenvolvimento gradual das exposições e produção fotográfica, estabelecendo uma maior absorção da influência midiática, ou seja, atribuindo à fotografia uma classificação versátil e erudita, direcionando-a para um sentido de consciência histórica e memórias preservadas, reconstruídas sobre as perspectivas de estudo e análise. Deste modo, a historiografia apresenta a fotografia como possibilidade de fonte documental, atribuindo o *status* de dado e registro histórico, um acontecimento do passado marcado em determinado tempo, espaço e ambiente¹¹ (local) decorrente.

¹¹ A representação do ambiente apresenta-se nesta colocação como, um aspecto de completo da imagem, os objetos e elementos que aparecem na fotografia, ou seja, representa a montagem dos cenários

Para tanto, a ostentação da interatividade destes novos meios de comunicação “informais”, denominados de redes sociais, suscitam a exposição dos indivíduos por mediação de curtidas, comentários e compartilhamentos de mensagens e fotografias, articulando uma postura comportamental de integração e participação coletiva entre os sujeitos, comportando uma inserção imediatista dos relacionamentos múltiplos, sejam esses afetivos, profissionais, de entretenimento ou de autopromoção de *merchandising*. Inerentemente, esse processo de exibição pública aplicada pelas redes sociais atrela uma demanda crescente de fontes informativas como: jogos e blogs educativos¹². Segundo parte da massa pública, as mesmas ainda são portadoras de condutas indevidas, retratando a nudez e atos sexuais.

Essas ocorrências demonstram que atualmente a nudez não se limita necessariamente às páginas de uma revista, já que as vias informativas da internet nos permite facilidade de acesso para estes conteúdos. Esta exposição se efetiva tanto por parte da mídia pública quanto por intervenção de parte da massa popular, já que alguns indivíduos passam a expor sua vida particular e íntima nas redes sociais, como exemplos podem citar as cidades de Cachoeira dos Índios e Cajazeiras, que marcaram a exposição de algumas fotografias e vídeos de algumas personalidades residentes destas localidades¹³.

Assim, podemos afirmar que o ritmo da crescente acessibilidade tecnológica e “liberdade ativa” da população direciona novas concepções e representações para nudez, pois atualmente o nu, não se prendendo necessariamente apenas ao estereótipo implantado pelas revistas, como decorria entre os períodos de 60 a 90. Porém, mesmo estando centralizado perante esta facilidade de acesso à informação tecnológica, alguns indivíduos conservam a preferência da posse dos exemplares de revistas e jornais.

específico e complementar nesta imagem. Já a representação do espaço, esta condicionada a ocupação e localização desta imagem em dado momento.

¹² Indicação dessas redes educativas: Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/sites-educativos-504552.shtml>>. <<http://www.futura.org.br/alem-da-tv/guias-educativos/>>.

¹³ O propósito de destaque destas informações tem como objetivo retratar a crescente exposição da vida particular dos indivíduos perante as redes sociais, como: Facebook, Instagram, Twitter, entre outros. Pois em décadas posteriores, os acontecimentos, intimidades familiares e particulares, concentravam-se sobre uma conduta conservadora, sem exposição pública, principalmente em cidades pequenas como: Cachoeira dos Índios e Cajazeiras. Essa discussão nos permite direcionar um novo olhar para liberdade e a conduta particular dos indivíduos. Entendo que cada sujeito é livre para escolher e construir sua identidade diante às condições e possibilidades socioculturais possibilitadas pelo meio.

Esses pré-requisitos abrem algumas eventualidades de discurso para a minha pesquisa, direcionando entender o estímulo de liberdade esboçado e expandido pelos indivíduos conforme sua exposição pública-social e influência da mídia. Sobre a margem de um recurso explicativo, considero que o entretenimento fotográfico apontado pelas redes sociais e a Playboy, atua como valor prático na construção do pensamento intrincado e prático da realidade social e cultural dos indivíduos perante a esfera pública, ou seja, leitores, usuários e personagens ilustram a convergência e ampliação dos direitos e o gozo da cidadania. Neste sentido, busco entender como a Playboy constrói a representação do feminino na sociedade perante a participação e influência dos ensaios fotográficos expostos em suas páginas, quanto a quebra dos tabus tradicionalistas, exprimindo um novo consenso para identidade comportamental para a nudez e o sexo feminino, que marcam a história das mulheres.

Sendo assim, ressalto que o uso das fotografias enquanto fonte documental condiciona abstrair divergentes fenômenos e dimensões relacionadas à memória e testemunhos, instrumentalizando transformações e descontinuidades entre passado e presente, ou seja, “Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo” (FLUSSER, 1985, p.07).

Segundo Flusser (1985), “a imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens”, assim, o uso dessa reflexão nos possibilita a habilidade de captar e interpretar as figuras em estudo e análise, logo, essa abstração codifica as informações retidas nas superfícies de cada imagem. Entretanto, as fotografias processam conjuntos de cenas responsáveis pela reconstrução de uma determinada realidade, alçada pelos paradigmas dos eventos históricos. Para o mesmo, a retratação da imagem qualifica um consenso de alienação entre sujeito e imaginação, culminando através da escrita, as significações conceituais presentes nos perfis fotográficos, em outras palavras, a imaginação permite ao historiador o uso de ações, métodos e conceitos diversos, possibilitando a definição de uma leitura discursiva sobre a realidade presa nas captações fotográficas, à construção conceitual e descrita através da imagem, propagando um diálogo subjetivo entre a memória preservada e a análise decifrada e significada pelo historiador.

Assim, Flusser (1985, p. 10) aborda que:

[...] Quando as imagens técnicas são recorrentemente decifradas, surge o mundo conceitual como sendo o seu universo de significados. O que vemos

ao contemplar as imagens técnicas não é o “mundo”, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem.

Simultaneamente, a diversidade fotográfica transcrita pela trajetória dos meios linguísticos mediam a construção e reconstrução das eventualidades culturais, portada pelos testemunhos da memória, exprimindo informações sobre as ações humanas, possibilitando, desta forma, entender as relações político-sociais de uma contemporaneidade privilegiada pelas fragmentações do passado. A subjetividade existente entre passado e memória configura a percepção ideológica presente nos fatos e situações “cotidianas” delineadas pelos atos humanos, caracterizando a fotografia como advento identitário, ou seja, uma compreensão do real determinada pelos ciclos múltiplos da consciência histórica.

Partindo de uma visão pessoal, elenco que a dinâmica fotográfica nos permite compreender o processo de construção da nossa identidade, já que as imagens captadas refletem um perfil propriamente criado ou representado pelas “preferências” do sujeito, suscitando o registro de uma memória. Necessariamente, essa foto-memória conduz organizar e entender a conduta estética, ética e cultural vivida pelos sujeitos durante aquele momento real, ou seja, a representação identitária do indivíduo é obtida através da objetividade da consciência histórica desses registros que se configura por intervenção da interpretação e análise da imagem.

A postura informativa transgredida pelas imagens nos permite enquanto historiadores fixar um olhar mediador sobre as (re)significações dos objetos, símbolos, personagens e cenários, codificados na superfície das fotografias. Todavia, o desenraizamento dessas interpretações intensifica o processo de transição aplicada a uma determinada realidade materializada em tempo e espaço, produzindo particularmente informações sobre a existência de outros consensos culturais de épocas distintas. Para tanto, Barthes (1984) afirma as imagens como instrumento de observação, que produzem a essência de um dado momento no qual “jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e passado. E já que essa coerção existe para ela, devemos tê-la por redução como própria essência, o noema¹⁴ da

¹⁴ Na colocação de Barthes noema significa: “Isso-foi” ou o Intratável, que em latim seria “interfuit”, ou seja, isso que vejo encontrou-se lá, nesse passado entre o infinito e o sujeito (o operador ou spectator).

fotografia” (BARTHES, 1984, p.115). A colocação do autor atesta a fotografia como registro do passado, no qual o noema atribui o sentido de comprovação, ocorrência e existência da realidade contida na fotografia, ou seja, não podemos negar a descrição e visualização dos cenários e dos personagens apresentados pelas imagens enquanto testemunho histórico.

Barthes (1984) afirma ainda que “a fotografia é inclassificável”, já que não é possível reproduzir e vivenciar a produção do mesmo momento, época e personagens, pois a retratação da imagem priva as particularidades das cenas, acomodando-as em marcações historiográficas, recomposição de dados descrita por uma singularidade linguística dos signos e objetos presentes na substância cultural da memória. Segundo o mesmo, o processo justificativo da existência fotográfica afirma-se pela intermediação do “sentimento” que atribuo sobre a imagem, a essência do meu desejo, como “uma ferida que vejo, sinto, noto, olho e penso”, possibilitando construir um sentido sobre ela. Sendo assim, esse discurso me permite organizar e direcionar um novo olhar sobre a retratação da mulher na Playboy, propiciando problematizar a conduta de pensamento da revista quanto à condição machista e a visualização da mulher exclusivamente como *sex symbol*, objeto de desejo masculino.

Por este viés, proponho construir e identificar um sentido de idealização feminal, considerando novas perspectivas de roupagens para o comportamento, sexo, e nudez feminina, por intermediação dos ensaios fotográficos, nos quais cenários, objetos e personagens tornam-se testemunhas de estudo e análise, ou seja, possibilitando extrair uma fluidez variante e ininterrupta, buscando compreender o ser mulher durante a década de 80.

Para tanto, *sexy*, doce e natural, podem ser adjetivos característicos das mulheres que estampam as páginas da Playboy, ou será que ousada, safada e gostosa, seriam mais apropriados para defini-las? Sobre uma lógica mais real e social, acredito que as duas perspectivas são apropriadas, pois o consenso descritivo deriva perante a visão de cada discurso e das intervenções culturais dos sujeitos. Entretanto, sobre indícios de uma postura menos moralista e mais “liberal”, a revista nos condiciona a optarmos pela integração de ambas as colocações, já que a mesma traça novos indícios de valores e

(GUIMARÃES, Vera Maria B.C. Q. Fotografia e Ciências Humanas- UNICAMP- 2002). Mas segundo o dicionário online, noema é: Figura com que se faz entender uma coisa, quando se diz outra.

hábitos para homens e mulheres, uma proposta que informa e auxilia na (re)definição dos saberes e usos do corpo.

Nestes termos, particularmente acredito que a representação da mulher na Playboy nos anos 80 marcavam a exposição fotográfica mais voltada para sensualidade, com poses simples e “naturais”, que teoricamente caracterizavam uma nudez mais “romanceada”, diferentemente dos ensaios e poses atuais, que se encontram de forma mais erótica, excitante e desinibida, expressando atos sexuais explicitamente provocativos. Um exemplo dessa “nudez romanceada” são as fotografias (figura 14 que veremos mais adiante) da edição em que Tássia Camargo é fotografada em dezembro de 1989. A atriz mostra certo “recato” em suas poses, utilizando a exploração da sensualidade sem “escancarar” sua nudez.

Claro que essa relevância romanceada se constrói sobre o critério de estudo e análise desta temática e a visão atual sobre o sentido da sexualidade. Mas saliento que a postura da revista nos anos 80 atuava com o propósito de despertar desejos, vontades, e novas descobertas sobre o sexo, ou seja, a intenção da mesma era provocar e internacionalizar a absorção da modernização do mundo para ambos os gêneros.

Essas posturas se diversificam conforme a construção identitária do sujeito perante a divergência sociocultural da sociedade. Assim, devemos entender que apesar da década de 80 ter ostentado a crescente eclosão da liberdade dos sexos, ainda se entrelaçava a uma gritante presença do conservadorismo puritano, claro que a Playboy não se intimidava com essas ações, pois desde o início de sua publicação já enfrentava esses tipos de embates. Sendo assim, atualmente é possível dizer que a liberdade “democrática” está condicionada à identidade de cada sujeito e ao consenso construído sobre sexualidade, o que possivelmente proporciona à revista usar mais da ousadia erótica em seus ensaios fotográficos.

Em outras palavras, podemos elencar que o advento fotográfico é considerado ferramenta histórica a partir do momento que o sujeito direciona seu estado de “prazer” e “criação” dos eventos cotidianos a sua volta, tomando a representação da imagem como “auto referência” da história, um registro da imaginação enquanto memória documental, já que Kossoy (2001, p.36) afirma que “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto real, em determinado lugar e época”. No caso da Playboy, é possível dizer que

ao pensar na criação da revista, Hugh Hefner tentou atingir os jovens da massa urbana como público alvo, e a nudez contida na revista era apenas uma jogada ousada para assegurar o possível sucesso dos exemplares.

Tal viés nos convencionou caracterizar a fotografia como consciência subliminar¹⁵, notoriamente convencionado por múltiplos diálogos que informam, identificam, representam e surpreendem as singularidades contemporâneas. Uma comunicação veiculada às estatísticas formais culturais-políticas-sociais dos sujeitos. Essas demandas informativas levam a problematizar as coleções fotográficas legitimadas pela Playboy, instrumentalizando-as enquanto documento histórico e construção de caráter e perfil da imagem feminina diante das simetrias socioculturais dos gêneros, relacionando o espaço e posição tomados por estes perante a exposição pública rotulada pelo entretenimento da revista.

Notoriamente, proponho definir a estética, o sexo e a nudez, como três elementos base que compõem a nossa imaginação quando falamos da Playboy. Necessariamente proponho um critério que busca compreender a edificação representativa da mulher após seu destaque na revista, compreendendo os significados atribuídos a sua conduta político-social, destacando as múltiplas identidades femininas definidas pela revista, entrelaçadas pela montagem dos ensaios e opiniões dos leitores, ou seja, esboça diferentes tipos de perfis femininos. Deste modo, os objetos e cenários apresentados nos ensaios ajudam a complementar o sentido atribuído ao ser mulher perante as páginas da Playboy.

Para tanto, objetivo identificar a representação feminina para além da simples nudez postada nas fotografias, pensar a mulher a partir da sua representatividade e importância para o meio público-social, não apenas como *sex symbol* ou objeto de desejo e satisfação masculina, mesmo tendo conhecimento que a Playboy expõe um caráter majoritariamente masculino. Assim, certifico ressaltar que a produção dos exemplares direciona especificamente duas metas como ponto crucial de decisão e produção fotográfica, **o quê e como** mostrar a nudez de forma romanceada, “natural”, exótica, atrevida, desinibida, erótica e sensual, complementados por formas sutis de atenuação das personagens, dedo na boca, tocando suavemente a pele, risos, lábios

¹⁵ Subliminar: que não está no âmbito da consciência, embora, por repetição ou por outros procedimentos, consiga alcançar o subconsciente, alterando as emoções, as vontades, as opiniões. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>.

marcados, olhos fixos, expressivos ou fechados, induzido à satisfação de um prazer, faces pensativas, que mesmo induzindo fragilidade, demonstram-se poderosas, sendo assim, esses ensaios clássicos como padrões imagéticos¹⁶ retratam um novo consenso para a representação e expressão feminal.

Mas às vezes essa ação da nudez passa despercebida pelos nossos olhos, se pensarmos por uma lógica de mídia, notamos que a sociedade massifica uma divisão de críticas positivas e negativas quanto a este assunto, gerando a exposição da naturalidade de uns e a intolerância de outros. Deste modo, segundo o Portal G1¹⁷, Porto Alegre marca em 2003 o primeiro caso de peladões do mundo, onde um grupo de ativistas reuniu-se para protestar contra um ato policial que proibiu uma jovem de tomar banho nua, embalados por Raul Seixas, os jovens passaram a tomar banho pelados em chuveiros públicos. Em 2013 a mesma região seria palco de mais duas ações: no mês de Julho, um grupo posou sem roupa e com os rostos cobertos em frente ao mural com as imagens dos presidentes da “Casa do povo”; Dezembro foi alvo da "Pedalada Pelada”, evento de ciclistas que, segundo a organização, tinha dois objetivos: promover a "naturalização do corpo" e protestar por um trânsito mais seguro.

A mesma fonte ainda informou que um grupo de teatro da companhia de Falos & Stercus realizou uma intervenção ousada às margens do Arroio Dilúvio. Seminus, atores e atrizes participaram da intervenção, as mulheres vestindo túnicas brancas, algumas com seios à mostra, e os homens com toalhas enroladas na cintura. Diante dessas manifestações, notamos que alguns critérios permeiam a reflexão de propósitos lógicos, como: direitos de melhoria para os indivíduos enquanto cidadão, e liberdade expositiva para os que querem expor seu corpo ou suas opiniões, porém, mesmo não sendo um “bicho de sete cabeças”, é evidente que a nudez ainda choca uma parte da população.

Essa legitimidade nos faz entender que complementamos uma sociedade visivelmente atrelada a um egocentrismo de dogmas e ideais conservadores, porém, os indivíduos transmutam constantemente em sua composição de identidade, já que a nossa cultura filtra variavelmente uma ampla quantidade de informações sobre as

¹⁶ Imagético: Que se consegue exprimir através de imagens. Que se pode referir ao que contém imagens. Figurado. Que demonstra. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>.

¹⁷ PORTAL G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/11/com-febre-de-pelados-porto-alegre-ja-teve-outras-manifestacoes-de-nudez.html>>. Acesso em: 13/07/2014.

relações humanas, ocasionando a necessidade de identificar as significações entre a nudez sensual e a pornográfica. Para tanto, é importante destacar que ambas as derivações suspendem um sentido lógico de representação, nos quais são determinados pelas intermediações de suas ações, previamente estabelecidas pelo comportamento sexual feminino e masculino.

Se por um lado o nu é usado como via de manifestação e protesto, pelo outro é apresentado como a naturalidade e beleza da criação, de acordo com o blog *Obvious*¹⁸, que expôs o trabalho de Geraldine GestiefelteKatze, uma fotógrafa, desenhista e matemática alemã. Suas fotografias assemelham-se de certa forma com os ensaios da Playboy, o foco principal é a nudez feminina, alimentada por cenários naturais e pinturas corporais, a fotógrafa sensibiliza o corpo feminino a uma beleza que enche os olhos, sem demarcação de posição, as personagens movem-se pela naturalidade de suas vontades, a liberdade do olhar, toque, cheiro, de suas vontades do dia-a-dia, demarcando, o que os seus corpos sentem na maior parte do tempo.

De acordo com a admiradora do trabalho da fotógrafa e escritora do blog, Rafaela Werdan:

Não há um oferecimento direto nas imagens, percebo que as modelos se mostram puramente como são. Ser um corpo feminino não é tarefa fácil nesse planeta, mas isso não quer dizer que não seja prazeroso. A mulher detém o paladar extremamente aguçado, enxerga uma infinidade de cores, tem a pele ultra-sensível em consequência disso seu cérebro faz milhares de conexões o tempo todo sem parar. A mulher chora. A mulher precisa de tudo isso para ser mãe, e ela vira mãe, renova a vida desde seu nascimento. Dá prazer aos homens que a protege da natureza imbatível. Dá amor aos homens para que eles as protejam deles mesmos. Dá sentido as suas conversas de bar, as suas batalhas, a sua inteligência a sua evolução (BLOG OBVIOUS, 2013).

Tendenciosamente, esse discurso direciona alguns objetivos que se enquadram na minha pesquisa, expressando novas propostas e sentidos para a mulher e a nudez, visualizando a naturalidade do corpo sem tabus, enxergando a liberdade e sensualidade, conquistadas por essas mulheres entre os meios públicos. Nestes termos, Eric Bueno (2011) aborda que o ato da nudez representa a exposição do “nu artístico”, o mesmo se baseia na opinião do historiador da arte Kenneth Clark (1956), o qual afirma a nudez como uma “forma de arte, inventada pelos Gregos no séc. V a.C.”. Sobre este mesmo

¹⁸ Blog Obvious. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/entre_ocio_e_sonhos/2013/09/a-nudez-feminina-pelos-olhos-de-uma-mulher.html>. Acesso em: 12/11/2014.

critério, Bueno afirma que a determinação pornográfica está presente no meio sociocultural desde o século XVI, sendo concebida por livros/autores eróticos da época.

Mas segundo os conceitos de alguns historiadores, a nudez só expressa um sentido pornográfico quando ocorre a realização do ato sexual em si, o contato corporal entre os sexos. Com relação à sensualidade, o autor não aborda o sentido contundente de expressão e representação, mas chama a atenção para as variações conceituais sobre o assunto, no qual cada sujeito adverte um sentido lógico para o ser *sexy*, dependendo da sua visão e personalidade enquanto sujeito.

Diante destas referências, resalto que a contemporaneidade centraliza-se sobre uma estabilidade divergente entre o conservadorismo tradicional e a liberdade das opiniões e identidades modernas. Nestes termos, podemos considerar a nudez como estética da perfeição, uma “afetividade” sensibilizada e tocada visualmente. Construída a partir de uma opinião pessoal, acredito que a sensualidade não é apenas um corpo desnudo, mas uma descrição privilegiada dos admiradores da beleza e da realização dos desejos e prazeres múltiplos de cada sujeito feminino ou masculino. Porém, o *status* de representação destes elementos associa-se a visão conceitual dos sujeitos perante a sua relação com meio social, sendo assim, pornográfico e sensual convergem e se moldam constantemente conforme a construção cultural das identidades dos indivíduos.

Eric Bueno (2011) afirma que os agentes históricos evidenciam que a predominância do desnudamento fixou-se desde os anos 60,70 e 80, por convenção da liberdade, assim, as novelas começaram a deixar um pouco de lado o senso comum da moralidade familiar e religiosa para estabelecer identidades mais idealistas e livres das amarras tradicionalistas. A teledramaturgia passou a explorar a sexualidade e sensualidade dos personagens para romper com esses tabus, por intermediação de cenas com roupas de banho ou uma conotação de nudez e encenações de atos sexuais, abriam espaço para a marcação da liberdade erótica e sexual na mídia. Assim, novelas como Gabriela (1975), Astro (1977), Dona Beija (1986), são alguns exemplos que justificam a implantação desta ótica de mudanças comportamentais.

Desta forma, é evidente que, a estética fotográfica também revolucionou as camadas públicas e privadas destas mesmas décadas, por intermédio dos meios informativos e comunicativos midiáticos, compostas por uma gama de ilustrações e *Pin-*

*ups*¹⁹, esboçando a representação da sensualidade embutida de erotismo, ou seja, são desenhos de mulheres que despertam o desejo e imaginação masculina, alimentado um conceito de garotas sensuais e ao mesmo tempo inocentes que satisfazem os prazeres e fantasias. Assim, revistas e jornais equipavam a sociedade para uma (re)construção cotidiana dos sexos, e inserida neste meio inovador do entretenimento estava a Playboy, direcionada a divertir e informar. A mesma apresentava uma ementa de luxos, prazeres e uma enunciação simbólica da nudez feminina.

Com uma gama crescente de fotografias femininas, a Playboy usava e abusava das curvas, poses, toques, cenários e dos olhares sedutores das suas personagens. Notadamente, considero o *slogan* do coelho o principal fetiche da revista. Hugh Hefner mudou o slogan minutos antes de lançar a revista, trocando o desenho do veado pelo coelho, pois, de acordo com ele, “seria sexy e sofisticado”. Isso nos leva a classificá-lo como o mais sério do reino animal, um amante do sexo e da vida “privada”, que se complementam ao inusitado jogo de sedução e desejo feminino. Sobre as margens de um critério próprio, creio que o grande segredo da revista está simplesmente no corpo nu, claro, a nudez mexe literalmente com a imaginação e os instintos eróticos masculinos, mas minuciosas ações do toque, dos lábios, uma sedução de gestos que silenciam a realização de um momento único, em outras palavras, é a descrição da supremacia feminina, comportada a fantasia e o mito de posse idealizado pelos homens.

Para tanto, Barthes (1984, p.88-89) afirma que:

[...] A foto erótica ao contrário (o que é a sua própria condição), não faz do sexo um objeto central; ela pode muito bem não mostrá-lo; ela leva o espectador para fora do seu enquadramento, e é nisso que essa foto me anima e eu a animo. O *punctum* é, portanto, uma espécie de campo de extracampo sutil, como se imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver: não somente para “o resto” da nudez, não somente para o fantasma de uma prática, mas para excelência absoluta de um ser, alma e corpo intrincados.

Todavia, as abordagens de Barthes (1984) direcionam a firmar um olhar, para além da exposição da nudez, buscando alcançar a realidade contida no interior naquele momento, a história construída por cenários reais e fictícios, maldados pelos contrastes

¹⁹ Pin-up: É um modelo cujas imagens sensuais produzidas em grande escala exercem um forte atrativo na cultura pop. Destinadas à exibição informal, as pin-ups constituem-se num tipo leve de erotismo. As mulheres consideradas pin-ups são geralmente modelos e atrizes, mas também, se podem encontrar outros tipos de Pin Up's, que são as mais "comportadas", porém utilizam um pouco do erotismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pin-up>>. Acesso em: 13/11/2014).

de um corpo nu. Porém, ao ser delineada a aplicação do nu feminino na revista Playboy, buscando compreender o contexto sociocultural estereotipado para homens e mulheres na década de 80, direcionados a uma ostentação midiática, os gêneros adotavam um conceito de informação social e, reconhecida sua materialidade, relançada a partir dos consensos igualitários que, cautelosamente se posicionava sobre “interesse” de ambos os sexos.

Os ensaios fotográficos da Playboy representam a mulher de diversas formas, os trechos descritivos encontrados ao lado das imagens retratam curiosidades, gostos e interesses das personalidades dos ensaios, uma descrição que alça parte da conduta real, sua representatividade feminina, sua força, determinação e objetividade pessoal, e o despertar da imaginação masculina quanto aos seus gostos, fantasias e prazeres, uma historinha unida por pitadas de sarcasmo sensual e erótico, já que um dos propósitos da revista é mostrar que o ser *sexy* não está apenas na sua aparência, está também em sua mente, e que os sujeitos são formados por um agrupamento de influências, passando assim, a compreender as diversidades e identidades socioculturais.

Sobre a margem desse polo, notamos que o objetivo principal da revista é implantar a mulher em um cenário de contemplação e convite sexual, mas se olharmos as fotos por uma intermediação das mudanças comportamentais e exibicionismo, percebemos que a mesma ostentou a incorporação de uma possível identidade feminal, veiculada aos paradigmas de amor, sexo, independência e imaginação, uma roupagem que acabou conceituando a mulher da atualidade. Nestes termos, encontramos a Playboy inserida em uma crise interna, mas em pleno vapor e regida pelos ideais inovadores de Christie Hefner²⁰, que assumia a presidência da Playboy em 1982, a revista massifica sua plataforma de conteúdos em mídia global, aprimorando de forma crescente as suas menções fotográficas e o chovinismo²¹ masculinos. Por este viés, direcionamos destacar a referência feminal construída a partir de uma história visualmente implantada na nudez e sensualidade feminina.

²⁰ Filha primogênita de Hugh Hefner (dono da playboy), em 1982, tornou-se presidente da Playboy. Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Christie_Hefner&prev=search>. Acesso em: 08/09/2014.

²¹ Chauvinismo ou Chovinismo: (do francês chauvinisme) é o termo dado a todo tipo de opinião exacerbada, tendenciosa, ou agressiva em favor de um país, grupo ou ideia. Associados ao chauvinismo frequentemente identificam-se com expressões de rejeição radical a seus contrários, desprezo às minorias, narcisismo, mitomania. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chauvinismo>>. Acesso em: 08/09/2014.

Em primeira instância devemos constatar as variedades cinematográficas e representativas induzidas pelos ensaios fotográficos e criação da revista, a exibição e o alinhamento dos personagens, em outras palavras, a Playboy cria um momento fictício/imaginário para representar um desejo da realidade. Cada ensaio constrói um discurso (diálogo), e a imagem física das fotos, que emitem uma vivacidade das mulheres de uma forma em que o leitor possa se identificar com este enredo. Sendo assim, podemos associar esse método da revista à abordagem feita por Flusser (1985), de que “o homem é capaz de produzir informações, transmiti-las e guardá-las. [...] não apenas *herdadas, mas adquiridas*. Podemos chamar tal capacidade especificamente humana: *espírito* e seu resultado, *cultura*” (FLUSSER, 1985, p.26). Logicamente, a manipulação do método comunicativo e ilustrativo-fotográfico atende à sugestão “jornalística” de gerar informações arraigadas pela atualidade, projetando uma intermediação entre a relação cultural dos sujeitos e o mundo, conduzindo o enquadramento participativo de todos perante os eventos sociais, por mediação da visualização fotográfica e dos discursos produzidos.

Sobre essa vertente, objetivo visualizar o papel atribuído para a mulher dentro do contexto histórico sociocultural, notificando a participação fotográfica desempenhada pelos exemplares da Playboy, compreendendo o enfoque cultural visual proposto pelas imagens. Direciono com base de referência a perspectiva apresentada por Kossoy (2001, p.45): “toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência”. Objetivando compreender de fato: Como uma revista dirigida ao público masculino alcançou e auxiliou as mulheres? O essas mulheres buscavam encontrar (informações) numa revista que tratavam de assuntos do universo e interesse masculino? Qual o verdadeiro interesse da Playboy, conciliar um espaço de liberdade sexual para os gêneros ou apenas massificar seu capital de vendas? Qual a repercussão e representação dessas após os ensaios fotográficos?

A partir deste discurso observamos que, as fotografias publicadas pela revista produzem uma forma de comunicação potencializada em modificações de comportamento, apresentando um olhar diferenciado para a conduta sexual de homens e mulheres. Para tanto, analisando os exemplares de 1984, por exemplo, podemos

identificar que a inserção dos cenários se mistifica ao propósito de imaginação ou personalidade própria da modelo fotografada, ou seja, as fotos divergem entre a realização da fantasia da mulher fotografada, a realização de uma pose, um figurino ou de uma expressão, isto é, a opção de ter mais ou menos pelos na vulva, um gesto ou uma posição do cabelo, depende do fetiche que ela pretende impor, desinibindo formas de instigar o interesse do leitor. Uma aplicação inovadora de grande destaque da Playboy encontrava-se no pôster central, em posturas firmes, olhares diretos e afirmativos, propagava quase que complementarmente a descrição de vida, das mais belas *playmates*²² do ano.

Essa polidez intitulada pela revista abria espaço para as predominâncias eruditas femininas, que se implantavam neste novo advento modernista, ou seja, estabeleciam uma identificação remetida para além das curvas e das definições corporais, informações e opinião sobre a vida das *playmates*. Com uma demanda de ousadia, sensualidade e delicadeza, a Playboy ritualiza as faces da feminilidade nos mais diferentes níveis de propagandas, contextos e cenários.

Comportada em um cenário mais rústico, a musa Tanya Roberts, atriz norte-americana que chamou atenção na série “As Panteras”, desafia o rei das selvas (leão), deitados lado a lado, olhar sério e destemido, nos fazendo perceber que o sexo mais frágil pode “dominar” e acalmar a mais destemida fera. Ao associarmos esse ensaio ao âmbito de socialização das mulheres, notamos a existência de condição de escolha, ser submissa ou ter liberdade de expressão, paradigmas vinculados à atitude ética da relação dos gêneros. Vejamos as fotos abaixo:

²² No Universo da Playboy, o termo Playmate, distintamente das Coelhinhos, faz referência às modelos da revista que são nomeadas durante o ano com o título de "Playmate" do mês. Dentre elas um é depois nomeada "Playmate do ano". Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Playmate>>. Acesso em: 10/09/2014.



Figura 01: Ensaio de Tanya Roberts, Playboy, Brasil, Janeiro de 1984, nº 104.



Figura 02: Ensaio de Tanya Roberts, Playboy, Brasil, Janeiro de 1984, nº 104.



Figura 03: Ensaio de Tanya Roberts, Playboy, Brasil, Janeiro de 1984, nº 104.

Ao visualizarmos este primeiro ensaio, percebemos que a distinção biológica é apenas uma distinção genética corporal dos gêneros, e assim, o indisfarçável machismo implantado pelo conservadorismo ainda resiste entre a projeção dos valores culturais e comportamental das identidades femininas e masculinas perante a ocupação da sociedade. Consideravelmente, a Playboy possivelmente desempenhava a representação de espaço conquistado pelas mulheres, e os setores públicos, políticos e publicitários completavam esse novo advento moderno (liberdade para os sexos).

Uma das principais características fotográficas da Playboy é a diversidade, assim, os exemplares comportam mais de um ensaio, que tanto pode ser grupal ou individual. Desta forma, partimos de um cenário de rusticidade para entrar na sensualidade da dança e na delicadeza dos palcos: curvas, poses e toques, uma atração feminina delimitada sobre a arte e liberdade dos movimentos.

Quando falamos em sermos livres, nos referimos ao consenso das nossas vontades e fantasias, no prazer de realizar as nossas satisfações pessoais. O segundo ensaio foi inspirado no filme *Flashdance*, e as fotografias protagonizadas pela bailarina Maria Cláudia, descrita pela revista como romântica, sonhadora, e exigente no que diz respeito à dança, que se identifica com as ondas do mar, pois é forte, destemida e ao mesmo tempo delicada e sutil na arte de sua “vida”. A sua flagrante representação midiática (artística) nos possibilita acentuar o dilema da vida textual, social e profissional de mulheres, que se movem para além das contradições conservadoras, retratando que a liberdade se agarra à nossa arte, à vontade e à determinação de nossa identidade pessoal.

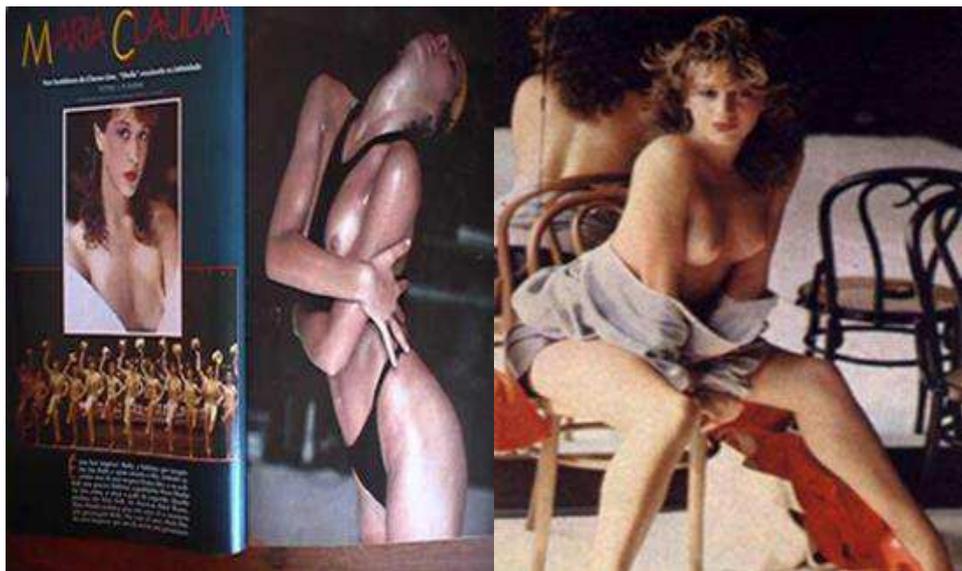


Figura 04: Ensaio de Maria Claudia. Playboy Brasil, Janeiro de 1984, n°102.

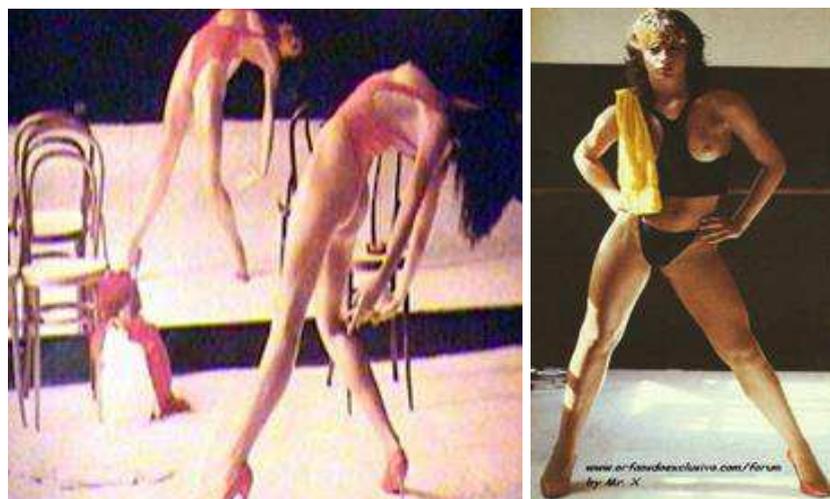


Figura 05: Ensaio de Maria Claudia. Playboy Brasil, Janeiro de 1984, n°102.

Entretanto, Luiz Fernando Barros Campos (2011, p 998) afirma que “o toque feminino predomina nas fotos da revista, publicitárias ou não, e frequentemente se manifesta como um auto toque, pois a mulher se toca como a um objeto frágil e precioso, sugerindo a possibilidade de posse do corpo objetificado”. Contrapondo o mesmo, afirmo que as fotografias não revelam simplesmente a indução de um desejo do ato sexual, já que segundo as teorias de Barthes (1984) e Kossoy (2001), a foto é algo inclassificável, e para fazer descrição é necessário reflexão, que nos leva a reconsiderar formulações em teorias provavelmente já resolvidas. Neste sentido, não descarto a idealização imaginária da mulher como símbolo/objeto sexual, porém específico a (re)construção para os paradigmas históricos femininos, ou seja, discussão subjetiva da

identidade da mulher, estabelecida pela sua dominação ideológica no decorrer de sua formação histórica.

Peculiarmente, a mistura dos ingredientes da Playboy coloca o sexo em uma posição privilegiada, mas se entendermos a existência da prática de transformação sociocultural e a probabilidade de quebra na resistência de determinados “tabus”, optamos contextualizar as imagens sobre novas formas de “sedução”, que concomitantemente encontram-se presas nas ambições da história das mulheres. Este novo olhar contribui para inovar a classificação relacional de homens e mulheres, ou seja, a construção de uma ênfase que porta a Playboy, como elemento de interesse para ambos os sexos, identificando as fotografias não apenas pela nudez, mas pelas construções do ser feminino que esses documentos nos possibilitam enxergar.

Para tanto, busquei selecionar outras fotografias das edições de 1984, entre os meses de Março, Maio, Julho e Agosto. Esses cinco exemplares nos permitem observar diferentes estereótipos femininos. Notamos a existência de características como: sutileza, força, espontaneidade, naturalidade, delicadeza e sensualidade, uma demanda que atende os requisitos da revista, nos possibilitando construir uma ambiguidade feminina dentro do universo da Playboy.

Nas duas primeiras fotos protagonizadas pela atriz Lucinha Lins, presenciamos sua delicadeza sobre os lençóis no sentido de se sentir à vontade sobre uma ação que colocamos em prática cotidianamente ao nos deitarmos. As imagens seguintes expõem uma das bonecas mais famosas do mundo da fantasia, Emília (Sítio do pica-pau amarelo), vivida pela atriz Reny de Oliveira. “Destemida” e de personalidade forte, a mesma encara um cenário de muita musculação e exercício físico (o uso das luvas de “boxe”), nos permitindo construir um perfil feminino destemido, sério, que se impõem perante as adversidades, obstáculos e as tensões da esfera público-social. Em seguida, visualizamos a retratação de um momento de descontração após uma puxada série de treinamento, um relaxante banho quente e a última ligação telefônica para completar a rotina do dia-a-dia. Por último, observamos duas fotografias da atriz e “jogadora de vôlei” Lídia Bizocchi, descontração e sensualidade, no exótico banho de mar, ostentando uma postura de liberdade, reproduzindo sua satisfação por estar em um dos seus lugares preferidos (praia).

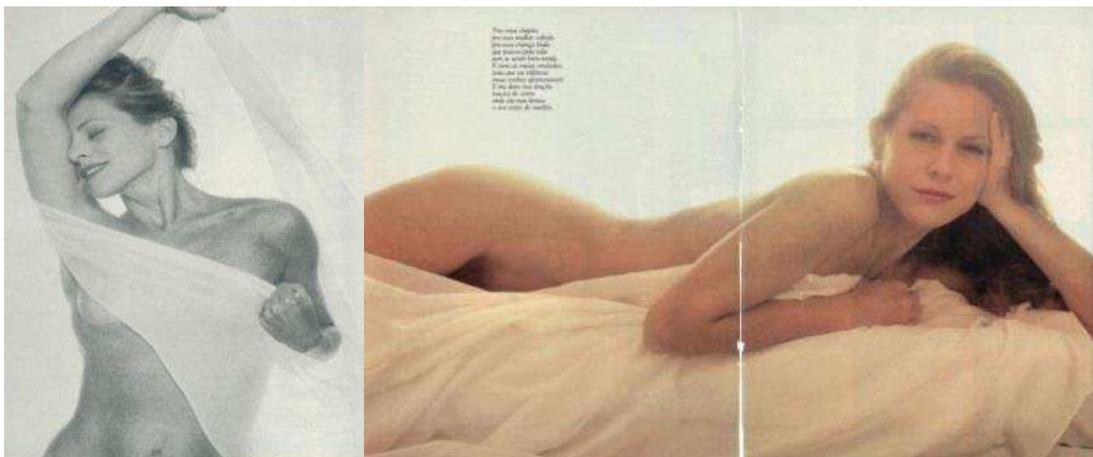


Figura 06: Ensaio de Lucinha Lins. Playboy Brasil, Agosto de 1984.



Figura 07: Ensaio de Reny de Oliveira. Playboy Brasil, Janeiro de 1984.

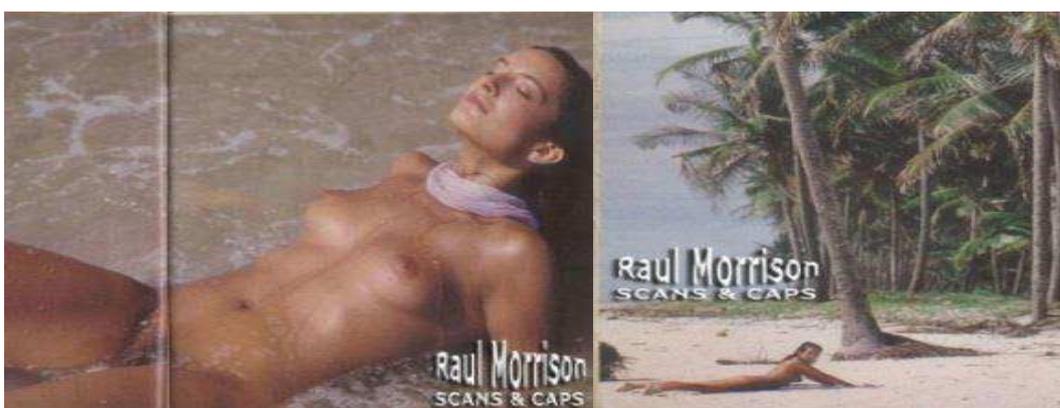


Figura 08: Ensaio de Lídia Bizocchi. Playboy Brasil, Maio de 1984.

Para tanto, o propósito de estudo da minha pesquisa sobre a Playboy nos possibilita legitimar e singularizar uma construção diferenciada para a imagem feminina. Não apenas retratando o estímulo de *sex symbol* e amante mental, principal elemento evidenciado pela revista, ou seja, veiculando essas mulheres de forma

distintiva, na qual cada uma das imagens apresenta as diferenças nos gestos, jeitos, posturas e perfil, marcando os vários conteúdos simbólicos contidos nas edições da Playboy sobre essas mulheres. Deste modo, o próximo ensaio fotográfico expressa ações evidentemente “cotidianas”, que mesmo de forma subjetiva acabam fazendo parte de “atividades diárias” (rotina) da vida dessas mulheres.

Com uma diversão diferente, a atriz Lúcia Verissimo demonstra que, após um dia puxado de trabalho, a praia é um ótimo lugar para relaxar, ainda mais se estiver acompanhada dos seus animais de estimação. A atleta Sueli dos Santos, estampa as páginas da Playboy para mostrar a ostentação, a força, a desenvoltura e a precisão técnica feminina entre as camadas esportivas, principalmente em modalidades tipicamente masculinas, como o lançamento de dardo, classe do esporte defendido pela atleta. Saímos do esporte para rotineira vaidade feminina, e a atriz Françoise Forton apresenta em suas fotos fetiches e cuidados para manter a autoestima e a beleza da mulher moderna. Em seguida, a bailarina Marcia Rodrigues nos mostra como curtir e obter benefícios para saúde através de um passeio de bicicleta à beira mar.

Nesta mesma sintonia, a atriz norte-americana Erika Eleniak nos revela que as mulheres gerenciam e conduzem uma embarcação perfeitamente bem, inferindo que homens e mulheres podem ocupar um mesmo espaço profissional. Assim, após uma rotina rotulada pelos cuidados da casa, dos animais, de uma produção glamorosa, para um estressante dia trabalho, e um fim de tarde marcado pelos exercícios físicos e passeios para relaxar, a atriz Tássia Camargo chama atenção por representar uma ação tipicamente convencional do nosso dia-a-dia, chegar em casa para uma boa noite de sono e acordar no dia seguinte com um satisfatório café da manhã.

Para além dessas descrições, saliento como critério pessoal que essa exposição pública nos permite identificar as novas formas de libertação sexual, definindo e transformado o comportamento e parte dos contextos de muitas mulheres, uma conduta de papéis livres e independentes, com direitos e espaço significativo entre as camadas socioculturais, porém, mesmo sendo possuidoras do “valor de si”, as mesmas ainda se encontram atreladas em alguns tabus mantidos pelo conservadorismo puritano.



Figura 09: Ensaio de Lúcia Veríssimo, Playboy Brasil, Abril de 1988.

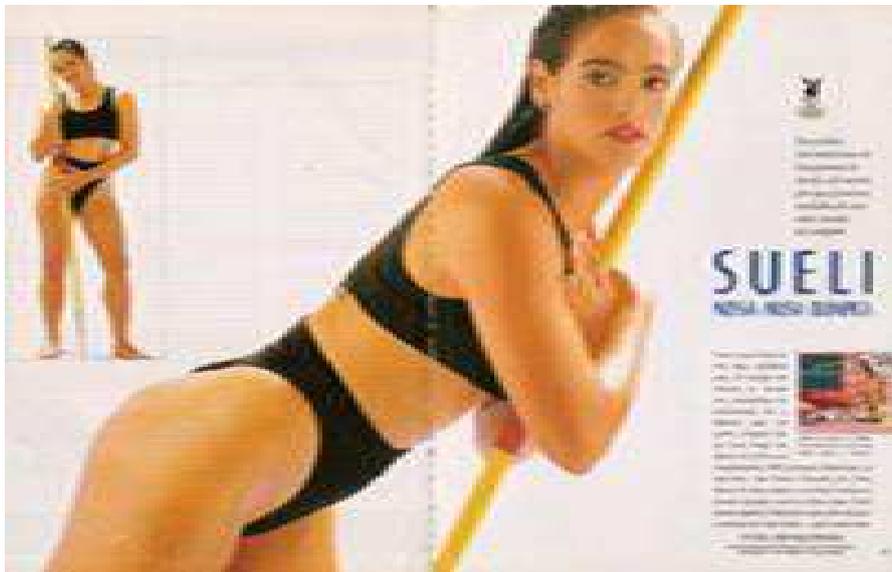


Figura 10: Ensaio de Sueli dos Santos. Playboy Brasil, Julho de 1988.



Figura 11: Ensaio de Françoise Forton. Playboy Brasil, Agosto de 1989.



Figura 12: Ensaio de Márcia Rodrigues. Playboy Brasil, Outubro de 1989.



Figura 13: Ensaio de Erika Eleniak. Playboy Brasil, Outubro de 1989.



Figura 14: Ensaio de Tássia Camargo. Playboy Brasil, Dezembro de 1989.

As propostas deste discurso intercalam-se ao critério abordado por Barthes (1984), atestando que a natureza profunda da fotografia é a pose, já que esta atua como elemento chave de intenção de leitura da imagem, identificando através da observação e pensando as descrições linguísticas construídas sobre essas fotografias, ou seja, “a fotografia é como uma arte da pessoa: de sua identidade, de seu caráter civil, do que se poderia chamar, em todos os sentidos da expressão, *o quanto-a-se* do corpo” (BARTHES, 1984, p.118-119).

Desta forma, os cenários, poses e objetos, nos induzem a interpretar, explicar e contextualizar as imagens a partir da nossa sensibilidade e compreensão dos acontecimentos. Neste sentido, observamos que a arte fotográfica da Playboy expõem uma dinâmica bastante diversificada em seus ensaios, ou seja, nada é colocado e exposto sem propósito ou finalidade, cada personalidade, posição e elemento, é estrategicamente pensado e direcionado para despertarem desejo e interesse dos sujeitos. A mesma segue um estereótipo de glamour e beleza, que centraliza a mulher no desejo masculino.

Mas, a partir de uma percepção pessoal, elenco que mesmo expondo um padrão de beleza abastado para a massa popular feminina, é possível acreditar que a Playboy mistura elementos que mostram além da exterioridade da mulher, demonstrando que realidade retratada em suas páginas pode auxiliar mudanças no comportamento feminino, tanto nas vias eróticas quanto nos momentos de descontração e diversão casual das mesmas. Sendo assim, atrevo-me a dizer que a sensualidade entrelaça-se ao naturalismo expressado e significado por cada mulher, tanto nas suas ações cotidianas quanto nas suas exposições midiáticas.

Nestes termos, a análise coletiva e descritiva dos ensaios fotográficos da Playboy nos permite identificar uma significação diferenciada para o espaço ocupado pela mulher perante aos contextos, cenários e poses, propostos nas páginas da revista, possibilitando indiciar a construção de uma nova compreensão, consciência e expressão de liberdade para ambos os sexos.

CAPÍTULO III

CRISES CRUZADAS: AS PODEROSAS *VERSUS* O SUPER PLAYBOY

*Sem inibições, sem condições
Sair um pouco da linha
Não vou agir politicamente correta
Só quero me divertir um pouco*

*A melhor coisa de ser mulher
É ter pretexto de um pouco de diversão, é*

*Ficar totalmente maluca –
Esquecer que sou uma dama
Camisas masculinas - mini-saias
Virar totalmente selvagem - é, fazer com estilo
Entrar na ação - sentir a atração
Colorir meu cabelo - fazer o que eu quiser
Quero ser livre - é, para sentir o que eu sinto
Cara! Me sinto como uma mulher!*

(Shania Twain - Cara! Me sinto uma mulher!-1997)

Atualmente, a vida social insinua probabilidades de padrões comportamentais alternados conforme os diversos fatores das classes e divisão social, grau de instrução, crenças e posições dos sexos. Deste modo, por intermédio dessas questões de gênero, articulam-se conceitos sobre as relações e os papéis sociais desempenhados pelos sexos. Nessa temática, há vasta desigualdade e machismo sexual ainda sustentado pela sociedade em pleno século XXI. Nestes termos, proponho abordar os contra-pontos e opiniões apresentados pelo discurso feminista, e a Playboy, no que se refere compreender a representação da mulher na sociedade diante da demanda do machismo social.

Sendo assim, destaco a pesquisa realizada sobre o machismo no final do semestre de 2014 pelo Instituto Avon²³ e Data Popular²⁴ que entrevistaram cerca de

²³ A história do Instituto Avon começa em 2003, com o compromisso de apoiar e de provocar transformações que sejam fundamentais para o desenvolvimento da mulher brasileira. Com objetivo de apoiar causas importante para a mulher. (acessado em: <http://www.avon.com.br/aavon/instituto-avon-28/01/15>).

2.046 jovens de 16 a 24 anos, de todas as regiões do país, sendo 1.029 mulheres e 1.017 homens. Os índices da pesquisa mostram que cerca de 96% das opiniões afirmam que a sociedade é machista, e propositalmente defensora da educação tradicionalista e conservadora das mulheres, já que consideram errado essas praticarem ações como: sair sozinhas (48%), ficarem bêbadas (76%) ou terem mais de um parceiro (80%).

Nestes termos, notamos que a estatística de liberdade e espaço conquistada pela mulher reclusa-se a uma conduta machista de normas, atentam um sentido lógico de intransigência para certo e errado perante os direitos e ocupações dos gêneros, claro que, outras variações de grupos, como: negros, homossexuais, nordestinos, também sofrem com essa indiferença machista sustentada pela sociedade.

Neste sentido, podemos observar que, historicamente, as mulheres conquistaram “variadas transformações” no decurso da história e apoderam-se de uma ampla notoriedade no universo midiático, porém os dados da pesquisa realizada nos mostra que a sociedade delimita espaço, ética e comportamentos para as mesmas, demarcando a liberdade e a recrudescência feminina como alvo de preconceito. Para tanto, parte da teoria Kinsey (1948) atesta que todos temos liberdade e o direito de nos relacionar da maneira e forma que queremos, porém, a eminência do conservadorismo patriarcal e a predominância do machismo na sociedade alimentam a soberba da repressão contra a mulher, estimulando a demagogia feminista por direitos iguais.

Nestes parâmetros, a pesquisa sobre o machismo deixa claro e evidente que ambos os sexos sustentam as limitações de algumas ações modernas e livres praticadas por parte do público feminal da atualidade. Para tanto, segundo Alex Castro (2012), o machismo, por definição, é antimulher, mas o feminismo não é, nunca foi, nunca será, antihomem. O inimigo do feminismo não é você, homem de carne e osso, mas a estrutura machista da nossa sociedade. Esse discurso possibilita entender que homens e mulheres compactuam na preservação de muitos ideais machistas, demarcando uma contemporaneidade “moderna e livre”, mas ativamente alimentada pelas vias de um fundamentalismo “patriarcal”, sustentado por padrões e conduta de papéis comportamentais referentes para ambos os sujeitos, ou seja, a implicação machista não

²⁴ O Data Popular surgiu da necessidade de entendermos melhor a população brasileira, considerando toda a diversidade que a compõe. Mergulhamos a fundo no universo popular. (acessado em: <http://www.datapopular.com.br/-28/01/15>).

está relacionada à definição biológica dos sexos, mas sim, por parte do moralismo sexual imposto e conservado pela sociedade.

Nesta perspectiva, é possível elencar que a busca pela igualdade entre os gêneros ainda encontra-se em pleno funcionamento, já que mesmo após anos de lutas, a sociedade atual comporta apenas uma transformação passiva quanto à aceitação participativa da mulher em alguns entrelaces político-social, pois o ideal de aceitação das mesmas sobre essas demandas implica em uma realidade bastante similar a vivência das décadas 70 e 80, por exemplo. Ou seja, atualmente as mulheres ainda enfrentam a subjugação do machismo, da conduta educacional do lugar da submissão e a diferença dos papéis entre feminino e masculino.

Segundo Alex Castro (2012), o machismo intrépido e extremo aplica-se no mundo, julga, aponta e mata, defende a ética dos valores externos, de uma conduta correta e conservadora, ou seja, a distinção de classes (grupos), separando as mulheres que servem e não servem para casar. Abarcando em uma reflexão pessoal, tomo liberdade para indagar: existe por parte das mulheres uma classe separatória para os homens “puros” e propícios para matrimônio?

O mesmo ainda publica no site “Papo de Homem²⁵” que nem mesmo as feministas defendem um critério de exclusão masculina, pelo contrário, sua política busca espaço, oportunidades e **direitos iguais para os sexos**, nem mesmo, “a feminista mais radical, é pior do que o machista mais brando”. Porém, não podemos generalizar todas as feministas a essa concepção citada pelo autor, já que existem diversos tipos de feminismo, e algumas mulheres aprovam esse idealismo de lutas por direitos iguais, mas particularizam seus interesses, sejam esses portados pelos padrões de beleza, sociabilidade ou estabilidade matrimonial por segurança financeira.

Para tanto, concordo com os critérios de Castro (2012), quando afirma que:

O feminismo não defende que homens e mulheres são biologicamente iguais, mas sim que devem ter direitos iguais. Muitas vezes, entretanto, só se alcança a igualdade ou equivalência de direitos justamente atentando para as diferenças. A expressão constitucional: "todas as pessoas são iguais perante a lei", é mais corretamente interpretada se dizemos: "tratar diferentemente as pessoas desiguais, para que tenham acesso equivalente ao direito que, a lei confere a todas as pessoas".

²⁵ Site Papo de Homem. Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/>>. Acesso em: 15/12/2014.

Nesse conceito, o autor chama atenção para a exposição do machismo enfrentado pela mulher cotidianamente nas vias públicas, quando a incoerência das leis deixa em aberto uma gama plausível de agressões físicas e verbais contra as mulheres. O mesmo atesta neste contra-ponto uma teoria alternativa a respeito de algumas opiniões, considerando o que alguns indivíduos acham sobre a posição do feminismo. Como referência, destaca que algumas pessoas apontam o movimento feminista revestido de certa “radicalidade”.

Mas para Alex Castro (2012), essa radicalidade deriva justamente da falta de respeito e do consentimento do machismo alimentado por homens e mulheres, condicionando a sociedade à tutela machista, já que “ela fala, vive, respira através de nós, mesmo à nossa revelia. O máximo que podemos fazer é estar alertas. Vigiar nossas palavras. Ter a humildade de ouvir de verdade quando nos acusam de machismo”.

Essas indagações nos proporcionam elencar a posição da filósofa brasileira Talyta Carvalho, que chamou atenção da mídia no dia 08 de março de 2012 ao publicar um texto na Folha de S. Paulo intitulado “**Não devemos nada ao Feminismo**”. Os critérios da filósofa afirmam que a ascendência feminista atua como limitador da liberdade de escolha da mulher, já que a posição de conquista das mesmas eventualmente se propaga por intermédio do avanço democrático. Afirma ainda que “assumir uma posição crítica ao feminismo é hoje o equivalente a ser uma mulher que fala contra mulheres”.

Como justificativa, Talyta Carvalho (2012) retrata que:

Como mulher e intelectual, posso afirmar sem pestanejar: nunca precisei "lutar" contra meus colegas para ser ouvida, muito pelo contrário. A batalha mesmo é contra as colegas mulheres, intolerantes a qualquer outra mulher que pense diferente ou que não faça da "questão de gênero" uma bandeira. Não ser feminista é heresia imperdoável, e a herege deve ser silenciada. Até mesmo porque há muito em jogo: financiamentos, vaidades, disputas de poder, privilégios em relação aos colegas homens que, se não concordam, são machistas e preconceituosos, claro. (Folha de S. Paulo, 2012).

Partindo de uma concepção pessoal, considero o discurso de Talyta Carvalho radicalista e moralista ao dar crédito unicamente às vias democráticas, já que o próprio discurso feminista, os dados históricos e alguns autores como Rachel Soihet (1997), destacam que o feminismo é um dos principais precursores de referência para história das mulheres. Além de tudo, cabe salientar que possuidoras ou não de um currículo

acadêmico, muitas mulheres desempenham e desfrutam de liberdade de escolha e expressão mesmo inseridas em uma sociedade machista.

Deste modo, discordo da filósofa, ao afirmar que “as mulheres do século XXI, graças ao feminismo, perderam o direito de escolher entre trabalhar ou ficar em casa e cuidar dos filhos”. Contraponho outro ponto elencando pela mesma, de que a ideologia feminista não tolera as mulheres classificadas como “antifeministas”, pois seguindo minha linha de pesquisa, a concepção feminista lutou pela transformação dos direitos iguais no espaço público e a liberdade de escolha da mulher, independentemente do seu ponto de vista sociocultural.

Para tanto, essas margens da pesquisa direcionam a acreditar que a esfera social e cultural ocupada pelas mulheres da atualidade transcendeu, possivelmente, por termo de junção entre os parâmetros de moldagens democráticos e os critérios idealistas feministas. Partindo de uma concepção particular, acredito que a acedência global e a manifestação dos grupos feministas transmutariam um novo consenso dos gêneros para o âmbito público.

Por este contexto, podemos conceituar a opinião crítica feminista a respeito da postura Playboy com relação à exposição da mulher, já que certamente a indução visual de um perfil objetificado acabaria a não agradar muitas mulheres pelo mundo. Entretanto, saliento como opinião pessoal, que a procedência do contexto histórico da revista induz em primeira instância a pensar nas publicações como via de aspecto desmoralizador e insaciável fonte de perdição feminina. Porém, o conhecimento adquirido perante o estudo da revista nos coloca sobre uma perspectiva menos moralizadora e aberta para as novas culturas identitárias.

Forjada por uma moral de “liberdade sexual”, a Playboy propôs trajetos menos conservadores, possibilitando a construção e o conhecimento de novas classificações para identidade dos indivíduos, centralizado por contextos e idealismos, de um crescimento retido pelo individualismo de suas próprias escolhas, uma moralidade, que para Hugh Hefner, deve ser baseada na razão de uma sociedade posta a servir os sujeitos, e não a limitar a produtividade das ações humanas. Segundo o site “Clube do

*Bon vivant*²⁶, essa teoria baseia-se, na ideologia criada por Hefner chamada de “a Filosofia Playboy”, cujo objetivo é explicar os principais fundamentos da revista.

Publicada nas margens da revista, os fundamentos de Hefner caracterizavam a importância da inserção de novas culturas, como liberdade de escolhas, sem repressão do conservadorismo puritano, em outras palavras, o mesmo chama atenção para atenuação vivida pelos indivíduos perante a “privatização” da sociedade. Para tanto, a Playboy retratava contextos e ilustrações, uma sexualidade transparente para homens e mulheres, ou seja, viver o direito sexual, sem o moralismo do pecado. Pois a vida sexual se remete à privacidade, aos seus desejos e vontades, e não para as consequências de algumas crenças. Hefner afirma que atualmente a luta pelo direito ao casamento gay é o reflexo da relutância dos nossos direitos, já que ainda retrocedemos a uma aceitação de revolução sexual.

Nesta lógica, Hefner expressa que:

“IF IT FEELS GOOD, DO IT!” (Se você se sente bem fazendo, FAÇA!). A democracia não se baseia simplesmente na vontade da maioria, mas também na proteção à vontade da minoria. E a menor minoria que existe na sociedade é o indivíduo (Clube do *Bon Vivant*).

A opinião do fundador da Playboy traçava uma proposta bastante moderna para as camadas sociais, mais essencialmente para a configuração de uma nova expressão, em identidades e imagens dos sexos, principalmente a respeito da representação das mulheres. Mas logicamente, as ideias de Hefner não agradaram todas as camadas populares da sociedade, especialmente parte dos grupos feministas que lutavam pela igualdade de gêneros, pelo aspecto idealista da mulher para além da sua estética física e do desejo sexual, que entendiam a Playboy como degradação do papel feminino.

Essas margens condicionam utilizar como critério compositivo o discurso moralista do ser feminista e o ser feminina “ousada”, refletida pela exposição da Playboy. Sobre uma concepção pessoal, saliento que a postura do ser feminista milita um sentido idealista, pois optaram por deixar de lado alguns dos procedimentos tradicionais por considerá-los imposição da sociedade patriarcal; são mulheres que lutam contra o preconceito e por espaços iguais no meio sociocultural, mas que ainda

²⁶ Site Clube do *Bon Vivant*. Disponível em: <<https://clubedobonvivant.wordpress.com/>>. Acesso em : 24/11/2014.

mantém uma opinião mais recatada com relação ao uso e exposição do corpo. Já as femininas “ousadas” usam e abusam da intrínseca desventura de sua beleza e vaidade corporal, utilizam-se de todo o seu direito de liberdade de expressão e exposição, pois o idealismo feminista proporcionou a essas mulheres o direito de espaço e liberdade de escolha perante o meio político-social. Porém, a contraposição das feministas com relação a Playboy não se dá unicamente ao fato dessas mulheres estarem desnudas, mas o perfil de objeto de desejo e realizadora de fantasias sexuais foram os aspectos cruciais para imposição dos grupos feminais.

Desta forma, as feministas dos anos 70 destacam que a revista retrata a mulher como objeto sexual, ou *sex symbol* do prazer. Possivelmente a nudez, beleza, glamour e a conduta de expositiva da liberdade sexual enfatizada pela revista foram pontos cruciais para crítica. Porém, Hugh Hefner atesta que a revista não “escandaliza” a imagem da mulher, pois a cada quatro leitores, um é mulher, e essas estatísticas confirmam que “muitas mulheres aprenderam a usar a Playboy, como um meio de aumentar o seu poder sexual”²⁷.

A partir destes discursos, exponho como crítica pessoal que, possivelmente, a Playboy serviu como âncora de reforço para os ideais feministas, postulada por uma gama de ilustrações e contextos idealistas voltados para homens e mulheres, a revista mostrava uma sociedade aberta para todos, com uma conduta de gêneros diferentes, mas regidos por uma liberdade de vontades e desejos igualitários. Porém, o fato de se tratar de meio comunicativo masculino, especificamente direcionado sobre um exibicionismo da nudez feminina, marcado por um composto indiretamente machista, caracterizando o “culto ao corpo”, junto a este aspecto moralizador, tenha inibido as feministas de aceitarem a Playboy como uma via de emancipação da revolução sexual.

Essa mediação nos remeteu a questionar por que tanta hostilidade perante a Playboy, se a própria demagogia feminina expedia que toda mulher deve ser livre para fazer o que quiser, principalmente no que diz respeito ao uso do seu corpo. Essa repreensão feminista não seria uma posição machista? Um idealismo de liberdade que buscava romper com conservadorismo tradicional, mas que ainda mantêm-se entrelaçado com certos costumes da antiga moralidade. Acredito que se as feministas tivessem apoiado de forma intrínseca os aspectos idealistas da Playboy, talvez existisse

²⁷ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/160806/p_118.html>. Acesso em: 17/12/2014.

uma menor repressão machista sobre a mulher, entre as camadas da sociedade e própria posição masculina.

Desta forma, Tania Swain (2001) afirma que o discurso da mídia comunicativa, por exemplo, representa e hierarquiza a representação de espaços e novos estereótipos para homens e mulheres na sociedade. Porém, não existe uma atualização e ruptura concreta para o dialogismo social dos sexos, mantendo uma tradicional e contínua ocupação dos valores, essencialmente já definidos para os padrões do feminino e masculino. Em outras palavras, a autora chama a atenção para a imposição feminista diante da submissão e “falta de valores” traçados sobre a mulher perante as camadas da sociedade, veiculando a (des)construção da essência do “ser mulher” e o “ser social”.

Segundo a mesma, a proposta do discurso “ser social” estabelece “buscar a vontade de verdade e os recortes discursivos que, no caso, constroem a naturalização de papéis”, já a essência de um ser, representa “uma identidade baseada em critérios arbitrários que se apresenta com um caráter atemporal”. Sendo assim, a representação do social, tempo e da imagem, constrói a natureza dos gêneros, cada sujeito define a conduta de sua identidade perante a apropriação das suas escolhas. Neste caso, na representação feminina predomina-se o machismo estruturado sobre a crítica e o julgamento implantado por alguns instituidores da “certeza”. Swain opõem-se a esta conduta crítica, e destaca que o feminino não se limita apenas a sua natureza passiva da sexualidade ou a sua formação biológica, pois existem inumeráveis caminhos e temporalidades em torno da formação do “ser mulher”.

Para tanto, Tania Swain (2001, p.16) aborda que:

No saber instituído pela filosofia e pela história, a palavra dos “grandes homens” esclarece sobre a “verdadeira” natureza da mulher, repondo sem cessar, nos espaços interdiscursivos, representações pejorativas sobre o feminino que delimitam seu lugar no mundo, suas possibilidades e as práticas às quais ela deve se restringir. Temos assim, a autoridade de Rousseau, Freud, Hegel, Comte, Lutero, Lombroso, dos tratados médicos e dos manuais de confissão, da literatura e do teatro, da poesia, veiculando estas imagens que desqualificam e atrelam a mulher a um destino biológico [...].

Por este viés, especifico que o discurso abordado por Tania Swain (2001) contribui no entendimento da divergência entre as posturas da Playboy e do feminismo com relação ao perfil machista, ainda atribuído e ocupado pelas mulheres nas camadas socioculturais. Sendo assim, argumento que atualmente a construção identitária

feminina situa-se entre o poder de organização social e a reafirmação de sua imagem, pois a partir de minha análise, o pluralismo feminista e as moldagens democráticas instruíram transformações e significações para os papéis sociais femininos e masculinos. Poderia ter sido esta a primeira forma de romper o dissociável papel dos gêneros?

Neste sentido, é possível abordar que, historicamente, o discurso feminino implantado se define pela diferença biológica dos sexos, singularizando as mulheres ao posto de mãe-esposa-rinha do lar. Porém, minha perspectiva busca evidenciar que os ideais femininos e a proposta da revista, segundo Hefner, objetivavam igualdade, o desfrute de mais espaço e liberdade para os sexos, determinando que os valores e as representações sociais não se definem ou se julgam pelas implicações biológicas do corpo, pois os sujeitos constroem sua identidade através dos discursos e homogeneização do mundo. Pois bem, particularmente, minha conduta feminina idealiza um posicionamento mais indissociável para todas as classes sexuais (heterossexuais, transexuais, homossexuais, entre outros).

Essa perspectiva permite estruturar a reafirmação da imagem feminina a partir das relações e do papel firmado pela mulher contemporânea, ou seja, enxergá-la sobre a naturalidade de suas conquistas e multiplicidades de suas ações, pois mesmo designando um curto espaço, padrão de escolhas e construção identitária, as mesmas ainda permanecem entrelaçadas sobre as “rédeas de machismo histórico”.

Desta forma, Tania Swain (2000) considera que algumas feministas discutem a “criação do sexo pelo gênero”, constrói para a mulher um perfil e papel social direcionado à sexualidade do seu corpo, impondo sobre **elas** o sentido de interiorização, ou seja, referenciando as mesmas como “fêmea, espírito fraco e superficial, moral escorregadia e duvidosa, exigindo vigilância constante e a domesticação de sua tendência para o pecado” (SWAIN, 2000, p.52).

Segundo a autora, o critério feminista indica que a lógica familiar do matrimônio e da maternidade são bases fundamentais para completar o “ser mulher”. Sobre este sentido, Swain (2000) expõe que o ser feminal não depende necessariamente de um aspecto matrimonial-maternal para se completar, pois sua identidade sociocultural permanece em constante construção.

Sendo assim, a autora ainda salienta que:

[...] todas as mulheres não têm necessidade de procriar para que o humano não desapareça. A maternidade, por sua vez, é o resultado de significações sociais e torna-se assim um fato de "natureza" extensivo a toda uma parte do humano, uma essência definindo os corpos e os seres soletrados no feminino. Assim, o materno não é visto aqui como uma tara da qual as mulheres devem se liberar, mas como um sentido social que aprisiona e desenha os corpos, os desejos e o ser no feminino (SWAIN, 2000, p.55).

Para tanto, podemos considerar que a cristalização desses aspectos foram indagações fundamentais para a postura crítica das feministas, possibilitando “desconstruir” o perfil de mulher submissa e representada pela sua sexualidade biológica. Segundo Tania Swain (2000), a representação da “verdadeira mulher” se institui através da composição do “eterno feminino” e das “tecnologias do gênero”. O primeiro norteia a multiplicidade dos desejos e experiências cotidianas transparecidas pela maioria das mulheres, já o segundo caracteriza a identificação dos corpos, desdobrando os modelos e a proliferação da sexualidade, esboçando a construção das identidades masculinas e femininas, ou seja, “esta decodificação traduz, assim, a criação da pesada materialidade dos corpos femininos e masculinos a partir de valores e de representações que os constituem” (SWAIN, 2000, p.57).

Deste modo, é possível analisar a formação e composição dos papéis atribuídos aos indivíduos, alimentando a transcendência dos sexos. Notoriamente, as “tecnologias do gênero” constroem a significação, o *status*, as performances, a imagem e autoimagem social. Este discurso evidencia os contornos das minhas indagações com relação à representação feminina nas páginas da Playboy, ou seja, estrutura pensar a representação da imagem feminina para além do senso comum do machismo, afirmando que “as imagens que as constituem mostram mulheres sedutoras, belas, magras, e sobretudo mães, ou expressando seu desejo de sê-lo” (SWAIN, 2000, p.58). Proponho articular uma significação pessoal de que a mulher assume sua identidade de mãe e esposa, porém esse consenso não privatiza sua liberdade sexual, profissional e social, pois a conquista e a construção da sua identidade designa seu valor.

Entretanto, Tania Swain (2000, p. 67) atesta que:

A auto-representação das mulheres não é, portanto, uma performance social baseada em um fundamento biológico, mas a adoção do gênero é um ato performativo, mecanismo criador do sujeito biológico feminino nomeando-o e designando-lhe seu lugar e seu papel de gênero.

Nestes termos, podemos considerar que os discursos feministas e a postura Playboy atribuem significações “instituidoras” de socialização feminina, possibilitando novas dimensões e representações sociais, ou seja, configurando ideais e perspectivas no processo da construção identitária dessas mulheres. Sendo assim, cogitamos que a exposição feita pela mídia e pela revista, modelando os corpos e a representação do ser mulher entre as camadas públicas, se dá seja por intervenção do aspecto moralizador ou pela liberdade de “ousadia”, pois a demagogia feminina se implanta pela persuasão da sua luta por espaço, mesmo centrada em uma sociedade moderna mantida por uma inquestionável camada machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tem como pretensão contribuir com a construção da imagem e as novas roupagens do “ser mulher”, relativizando novos estereótipos para a sensualidade e o erotismo feminino presentes nas páginas da Playboy. Estruturando novas significações e ideologias perante a representação sociocultural dos gêneros e dos contextos históricos.

Para tanto, as composições desta análise permitem observar a construção identitária dos gêneros, estabelecendo uma nova visão para os parâmetros de classificação e ocupação de ambos os sexos. O mesmo discurso elenca problematizar a edificação da história dos gêneros e representação feminal para além da nudez exposta na Playboy, ou seja, nos coloca a questionar sobre os papéis e as ocupações socioculturais de homens e mulheres de uma sociedade contemporânea, forjada pelas moldagens e o crescimento do mundo, mas parcialmente inserida em uma demanda crescente de machismo. Desta forma, será que a solução para reter a opressão da mulher está na construção de uma sociedade feminista? Seria produtivo para a mulher controlar a masculinidade do homem? E o mundo seria melhor se existisse uma sociedade feminina e outra masculina? E essa separação dos sexos diminuiria o machismo nas camadas sociais?

Pelo sim ou pelo não, consideramos que essas possibilidades fazem referência a justificativas vagas, pois não existe consenso válido para a separação dos gêneros, uma vez que o processo, de forma histórica, atesta que homens e mulheres caminham lado a lado, como complementos conjuntos, ou seja, para se entender o feminino é necessário que se exista o masculino. Ainda, segundo o estudo de gêneros, não se nasce homem ou mulher, se “escolhe” e se constrói a identidade entre um dos sexos.

Deste modo, a Playboy demarca e amplia a mistura de um novo modelo e espaço para intimidade e liberdade sexual dos indivíduos, assegurando o pensamento liberal e práticas igualitárias de exposição, desejos e fantasias para ambos os sexos, estruturando um novo consenso de ideias para o corpo e a sexualidade, ou seja, a postura Playboy implanta a naturalidade dos comportamentos, ressignificando a sensualidade feminina e a posição de alguns tabus.

Pretensiosamente, o objetivo de utilização da Playboy implanta a ideia de um novo consenso e olhar para mulher, entendendo que o propósito de escolhas expositivas se adequam à opção e à conduta de identidade construída por cada sexo. Porém, notamos que a representação e construção identitária dos gêneros encontram-se centralizadas entre o conservadorismo de alguns dogmas culturais e da presença machista social, de algumas condutas moralistas éticas e comportamentais, que se encontram cristalizadas sobre os indivíduos em decorrência da sua formação.

Neste sentido, o meu propósito de discussão possibilita implantar uma nova forma de olhar para a mulher. Pensando para além do discurso do “senso comum”, idealizado pelos sujeitos sobre a Playboy e a imagem feminina. Contudo, acredito ter conseguido responder e fundamentar de forma clara as dúvidas, questionamentos e problematizações elencadas no decorrer desta pesquisa, apesar das dificuldades e limitações em encontrar fontes documentais que permitissem uma melhor exploração e aprofundamento dos ideais abordados.

Portanto, a pesquisa nos permitiu observar o processo representativo das concepções dos papéis de gêneros, principalmente da dimensão do espaço e “poder” conquistado pelas mulheres perante as camadas públicas, posicionando um olhar para as ideologias e os perfis da feminilidade e da masculinidade, elencando pensar e imaginar outras significações de valores socioculturais para estes sexos.

Assim, acredito ser necessário entender que ambos compositores compartilham da mesma sociedade e direitos, e desta forma, a construção de um espaço mais justo depende do comprometimento, da diminuição do machismo e da abertura de liberdade adquirida por todos os sexos. Pois até mesmo o contexto feminista não anseia uma superioridade das mulheres, mas a construção de um mundo melhor para ambos os gêneros. Por fim, destaco que não é justo as mulheres receberem um tratamento de minoria sendo maioria, para tanto, é preciso existir respeito e democracia, é necessário que todos queiram discutir e entender as transformações dessa relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES:

ABRANTES, Alômia. “Anayde Beiriz e seu corpo insurgente: outras “revoluções”. IN: **Gênero e Sexualidade: perspectivas em debate**. Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes (Orgs.). João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

ABRANTES, Alômia. Entre Cartas e Declarações de Amor: A escrita de si de Anayde Beiriz. IX Seminário Internacional Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Santa Catarina. **Anais...**Curitiba: UFSC, 2010.

AGUIAR, André Effgen. **A Interação Face a Face: A Preservação e ameaça às faces e a estratégias de olidez em entrevistas da revista playboy**. Disponível em: <http://filologia.dominiotemporario.com/xicnlf/9/a_interacao_face_a%20_face.pdf>. Acesso em: 15/07/2014.

ARAGÃO, Rafael. Cartas sobre a masculinidade que brocha: o problema do playboy em crise com seu corpo. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2011. Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2011.

BERNSTEIN, Elizabeth. O Significado da Compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. **Cadernos pagu**, n.31, jul-dez de 2008, p. 315-362.

BUENO, Eric Allen. A Nudez Entra em Cena. Fotografia, Cinema e Televisão: Um balaço visual do desnudamento feminino brasileiro nas décadas de 1960, 1970 e 1980. XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, **Anais...** São Paulo, USP, 2011.

CAMPOS, Luiz Fernando Barros. As Prostitutas e os Anjos: Os códigos informacionais utilizados na teatralização do corpo feminino na playboy. XII ENANCIB, Brasília. **Anais...** Brasília, 2011.

CARDOSO, Lourenço. **Observando fotografias, enxergando discursos: Narrativas fotografias sobre a cidade de Pirenópolis (início do século XX e primórdios do século XXI)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O feminismo brasileiro em tempos de Ditadura Militar. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. (Orgs). **Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. Pg.175-190.

FRANCO, Maria Ciavatta; A fotografia como fonte histórica. Introdução a uma coleção de fotos sobre a “Escola do trabalho”. **Educação em Revista**, Revista da Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1993/1994, p. 27-38.

LÜERSEN, Angélica. Como entender a ‘análise de discurso’ na análise fotográfica? INTERCOM Junior, Santa Maria, **Anais...** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

MARQUES, Fabiana Emília Pelles. Jornalismo em Pêlo: Um estudo sobre entrevistas publicadas na revista playboy. **Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)**, Brasília, 2006, p. 01-36.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces.** p. 1-15. Disponível em: <<http://www.orlandobrito.com.br/>>. Acesso em: 14/10/2014.

MELLO, Soraia Carolina. Imprensa Feminista no Brasil: Um caso particular (1976-1978). IV Encontro Regional Sul de História Oral. [s.l.]. **Anais...** 2007.

MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos pagu**, n. 21, 2003, p.13-38.

MONTEZELO, Giovana Gabriela. Entre avanços e permanências: a sexualidade nas revistas nova e playboy. III Seminário de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. **Anais...**São Carlos, UFSCar, 2012.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicosexualidade humana. **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, Julho, 2010, p. 101-108.

NECKEL, Roselane. A “sexualidade” e “vida a dois” nas revistas femininas e masculinas nos anos de 1970. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, 2007.

SAGGESE, Antonio José. **Imaginado a Mulher Playboy: O pôster e seus desdobramento.** Tese (Doutorado em Filosofia, Estética) FFLCH- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, Ana Carolina Lima. Características, Usos e Funções das Foto-ilustrações no Discurso Jornalístico. INTERCOM Junior, Santa Maria, **Anais...** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

SARTI, Cynthia A. **O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido.** XXI Congresso Internacional da LASA: Resistência e transformação durante a ditadura militar no Brasil. **Anais...** Chicago, 1998, p. 01-12.

SWAIN, Tania Navarro. A Invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. **Textos de História**, Universidade de Brasília- 2000, v.8, n.1, 2000, p.47- 84.

_____. **Corpos construídos, superfícies de significação, processos de subjetivação (UNB).** In: A construção dos corpos – Perspectivas Feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

_____. Feminismo e Representações Sociais: A invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História, questões e debates**, n. 34, Curitiba, 2001, p. 11-44.

_____. Para Além do Binário: os queers e os heterogêneos. **Gênero**, v.2, n.1, Niterói, 2001, p. 87- 98.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Rosários e Vibradores: interferências feministas na arte contemporânea. In: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo. (orgs). Subjetividades antigas e modernas. São Paulo: Annablume, 2008.

VALENÇA, Maria da Conceição Araújo. **A Feminilidade em Freud e na Contemporaneidade: Repercussões e impasses**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PPGPC-UCP, Recife, 2003.

VELHO, Beatriz Alves. BACELLAR, Fátima Cristina Trindade. Algo de Novo no Ar: A representação de homens e de mulheres na propaganda. INTERCOM, **Anais...** Setembro, 2003.

VIEIRA, Josênia Antunes. A Identidade da Mulher na Modernidade. **DELTA**, v. 21, São Paulo, 2005, p. 207- 238.

VIEIRA, Rejane Esther. **Revolução dos Costumes e Gênero: Uma análise da transformação dos costumes femininos e a influência da moda nas décadas de 60 e 70 em Florianópolis**. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/producao-academica/revolucao-dos-costumes-e-generouma-analise-da-transformacao-dos-costumes-femininos-e-a-influencia-da-moda-nas-decadas-de-60-e-70-em-florianopolis/781/>>. Acesso em: 14/12/14.

LIVROS:

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo, Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de Carvalho. **O Historiador e suas Fontes: Usos sociais e historiográficos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 399-429.

REVISTAS:

REVISTA DO HOMEM. São Paulo, Editora Abril. N°01. Agosto, 1975.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°41. Dezembro, 1978.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°43. Fevereiro, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°44. Março, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°45. Abril, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°47. Junho, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°49. Agosto, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°51 Outubro, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°53. Dezembro, 1979.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°102. Janeiro, 1984.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°104. Março, 1984.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°106. Maio, 1984.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°108. Julho, 1984.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°109. Agosto, 1984.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°150. Janeiro, 1988.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 13. N°06. Junho, 1988.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 13. N°07. Julho, 1988.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 14. N°08. Agosto, 1988.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 14. N°10. Outubro, 1988.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 14. N°12. Dezembro, 1988.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 14. N°01. Janeiro, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°03. Março, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°05. Maio, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°08. Agosto, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°09. Setembro, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°10. Outubro, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°11. Novembro, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. Ano 15. N°12. Dezembro, 1989.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°454. Março, 2013.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°455. Abril, 2013.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°456. Maio, 2013.

PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°457. Junho, 2013.
 PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°458. Julho, 2013.
 PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°459. Agosto, 2013.
 PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°460. Setembro, 2013.
 PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°461. Outubro, 2013.
 PLAYBOY. São Paulo, Editora Abril. N°462. Novembro, 2013.

SITES:

<http://www.dicio.com.br/>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Cronologia_do_direito_feminino
<http://politicandosaude.blogspot.com.br/2011/01/programa-de-assistencia-integral-saude.html>
<http://vida.aaldeia.net/alfred-kinsey-revolucao-sexual>
http://veja.abril.com.br/201004/p_094.html
<http://www.spm.gov.br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/violencia/o-que-e-delegacia-especializada-no-atendimento-a-mulher-deam>
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/29978-nao-devemos-nada-ao-feminismo.shtml>
[\(https://clubedobonvivant.wordpress.com/2010/07/03/playboy-philosophy-a-filosofia-playboy/](https://clubedobonvivant.wordpress.com/2010/07/03/playboy-philosophy-a-filosofia-playboy/)
http://pt.wikipedia.org/wiki/Fundo_de_Desenvolvimento_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_a_mulher
<http://www.rj.gov.br/web/seasdh/exibeconteudo?article-id=314686>
<http://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaio/colunistas/a-bancada-do-batom-e-a-constituicao-cidada>
http://lounge.obviousmag.org/entre_ocio_e_sonhos/2013/09/a-nudez-feminina-pelos-olhos-de-uma-mulher.html
<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/11/com-febre-de-pelados-porto-alegre-ja-teve-outras-manifestacoes-de-nudez.html>
<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/os-numeros-do-machismo-no-brasil-pesquisa-revela-opiniaio-de-jovens-entre-16-a-24-anos>
<http://www.avon.com.br/aavon/instituto-avon>

<http://www.datapopular.com.br/>

<https://antipatriarchy.wordpress.com>

<http://www.papodehomem.com.br/feminismo/>

<http://www.lado-m.com/homens-e-o-feminismo-ha-espaco-para-eles-na-luta-delas/>

<http://vida-nos-bosques.blogspot.com.br/2014/03/o-feminismo-e-permissao-para-discordar.html>

<http://borboletando.com.br/2014/03/hoje-eu-nao-quero-flores-quero-seu-respeito/>

<http://blogueirasfeministas.com/2013/12/garanta-dja-a-sua-masculinidade-cresca>

<http://www.pedefigueira.com.br/entretenimento,6826,antonia-fontenelle-vou-entrar-para-a-historia-da-playboy>